

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

OS DESAFIOS DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: entre a realidade educacional e as possibilidades pedagógicas oferecidas pelas tecnologias educacionais

DAIANE DO AMARAL

Santos

2007

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

OS DESAFIOS DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: entre a realidade educacional e as possibilidades pedagógicas oferecidas pelas tecnologias educacionais

DAIANE DO AMARAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação,
Orientadora: Profa. Dra. Irene Jeanete Lemos Gilberto.

Santos

2007

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS
SibiU

- A485d Amaral, Daiane do
Os desafios do professor de Língua Inglesa no Ensino Médio: entre a realidade educacional e as possibilidades pedagógicas oferecidas pelas tecnologias educacionais / Daiane do Amaral – Santos: [s.n.] 2007.
103 f.; 30 cm. (Dissertação de Mestrado - Universidade Católica de Santos, Programa em Educação)

I. Amaral, Daiane do. II. Título.

CDU 37(043.3)

COMISSÃO JULGADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, ____/____/____

Assinatura: _____

Trabalho financiado pelo Programa Bolsa Mestrado da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo

Aos meus pais, Nelson e Maria Edite pelo eterno incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre ao meu lado, me iluminando, me dando forças para continuar, especialmente nos muitos momentos de incertezas e atribulações.

Ao meu noivo, Antônio Sérgio, por seu amor compreensivo e sincero.

Aos meus colegas de trabalho da E.E. Ary de Oliveira Garcia pelas valiosas palavras de encorajamento.

A minha família, cujo apoio foi essencial para a concretização deste grande sonho.

Aos meus estimados colegas de Mestrado. Um agradecimento especial a Valéria, Evani, Roselayne, Rosana, Luiz Carlos e Sheila.

Agradeço aos professores do Programa de Mestrado em Educação que me incentivaram e foram de fundamental importância no meu processo de formação.

Às Professoras Doutoradas Marília Claret Geraes Duran e Maria Amélia do Rosário Santoro Franco, por suas valiosas observações no Exame de Qualificação.

Um agradecimento especial à minha orientadora Profa. Dra. Irene Jeanete Lemos Gilberto por sua dedicação e confiança em meu trabalho, sempre me encorajando e me apoiando.

RESUMO

AMARAL, Daiane. **Os desafios do professor de Língua Inglesa no Ensino Médio: entre a realidade educacional e as possibilidades pedagógicas oferecidas pelas tecnologias educacionais.** Universidade Católica de Santos, 2007. (Dissertação de Mestrado).

A presente pesquisa tem por objetivo investigar a percepção dos professores de Língua Inglesa que atuam no ensino médio sobre as possibilidades pedagógicas proporcionadas pela tecnologia educacional nos ambientes virtuais de aprendizagem. Busca conhecer a visão dos professores que participaram de cursos de inglês a distância sobre o uso das ferramentas para a aprendizagem dos alunos de língua inglesa. A pesquisa tem como fundamento os pressupostos teóricos de Alava, Belloni, Kenski, Lévy, Moraes, entre outros pesquisadores, com vistas a uma discussão sobre aspectos pedagógicos proporcionados pelas ferramentas tecnológicas. Apóia-se em Libâneo, Ortiz, entre outros, para a discussão dos aspectos referentes à globalização e seus impactos no cenário educacional, especificamente em relação às tecnologias e ao ensino de língua inglesa como língua estrangeira. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, que utiliza como procedimento metodológico a entrevista semi-estruturada, realizada com quatro professores de língua inglesa que atuam no ensino médio, em escola pública. As entrevistas realizadas foram transcritas e, com base nos dados obtidos foram elaboradas as categorias de análise, centradas na questão das possibilidades pedagógicas oferecidas pelas tecnologias digitais. Os resultados mostraram que as tecnologias no campo educacional estão cada vez mais ganhando campo entre professores do ensino médio, que buscam os saberes tecnológicos para a melhoria de suas práticas.

Palavras-chave: educação e tecnologia; ensino médio; interatividade

ABSTRACT

This research aims to investigate the perception of the English teachers who work with high school education about the pedagogical possibilities provided by the educational technology in virtual ambiances. It aims to gather the view of teachers who took part in distance education courses about the usage of the learning tools for students of the English language. The research has as its theoretical presupposes of Alava, Belloni, kenski, Lévy, Moraes, among other experts aiming the discussion of the pedagogical aspects aroused by the tools. It is based on the studies of Libâneo, Ortiz, among others, for the discussion of the aspects referring to the globalization and its impact in the educational scenery, more specifically the ones related to the technology itself and the teaching of English as a foreign language. The investigation is focused on English teachers and the methodological procedure is the semi-structured interview. It is a qualitative study that was applied to four English teachers who work with high school education in public schools. The interviews with the referred teachers were held and transcribed and based on the data collected, the analysis categories were done, centered on the question of the pedagogical possibilities provided by the digital technologies. The results show that the teachers' view of the technologies are broadening among the teachers in the high school education who search for the technological knowledge for practice improvement.

Keywords: education and technology; High School Education; interactivity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. Justificativa.....	16
2. Objeto da pesquisa e problematização.....	19
3. Objetivos.....	20
4. Fundamentação teórica.....	20
5. Procedimentos metodológicos.....	22
6. Estrutura da Dissertação.....	24
CAPÍTULO 1 – A GLOBALIZAÇÃO E SEU IMPACTO NA EDUCAÇÃO: o papel das tecnologias no ensino	26
1.1 As mudanças na sociedade.....	30
1.2 O paradigma do saber: mudanças	32
1.3 Os reflexos das mudanças na educação: projetos governamentais para a implantação da Informática no ensino.....	35
1.3.1. A informática na educação.....	38
CAPÍTULO 2 – EDUCANDO PARA O FUTURO: o papel da língua inglesa no mundo globalizado	43
2.1 A Língua Inglesa no contexto da globalização.....	43
2.2 Parâmetros Curriculares Nacionais.....	45
2.3 As tecnologias como novos saberes.....	46
2.4 A mediação tecnológica na Educação.....	50
2.5. A questão da autonomia.....	53
CAPÍTULO 3 – A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA SOBRE AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DO USO DO COMPUTADOR	56
3.1. Formação inicial: tensão entre teoria e prática.....	56
3.2. O ensino de língua inglesa: um impasse?	61

3.3. Em busca dos saberes tecnológicos.....	67
3.4. As possibilidades pedagógicas oferecidas em curso de língua inglesa a distância: as ferramentas tecnológicas.....	71
CONSIDERAÇÕES.....	79
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXOS.....	85

INTRODUÇÃO

No início de minha trajetória acadêmica como aluna do Curso de Letras da Universidade Católica de Santos, algumas inquietações surgiram com relação à minha formação e à minha prática docente como professora de Língua Inglesa no ensino médio, pois já possuía alguma experiência anterior no magistério e algumas crenças. Na minha prática pude perceber que os conhecimentos que estava construindo com os alunos poderiam ser a base sólida para uma atuação centrada na busca do conhecimento de uma língua estrangeira, que não é muito priorizada pelos alunos da escola pública.

Ao mesmo tempo em que já previa os desafios que iria encontrar no ambiente escolar para motivar os alunos ao conhecimento da língua inglesa, sentia-me cada vez mais estimulada a expandir meus conhecimentos e participar de cursos de formação continuada que eram oferecidos aos professores da rede estadual, assim como assistir a palestras e cursos oferecidos por editoras estrangeiras, entre outros. Sentia a necessidade de conhecer novas práticas educacionais que possibilitassem uma reflexão sobre os conhecimentos adquiridos durante minha formação inicial.

Inicialmente lecionando em escolas de ensino informal de Língua Inglesa, pude perceber que a realidade vivenciada tanto pelos professores quanto pelos alunos é consideravelmente diferente daquela oferecida pela escola pública, considerando que a maioria dos alunos que procura uma escola de línguas possui maior predisposição para aprender, são mais motivados, mesmo porque nessas escolas há inúmeros recursos didáticos e motivacionais disponibilizados aos alunos e aos professores. Após oito anos lecionando nessas escolas, iniciei-me na escola pública, cuja realidade se mostrava muito diferente da minha experiência anterior e vi-me diante de salas de aula lotadas, com alunos com menos predisposição para

aprender a língua inglesa, além de poucos recursos didáticos disponíveis. No entanto, essa realidade me motivou a procurar novas maneiras de interagir com esses alunos e resgatar, de alguma forma, o gosto dos estudantes pelo estudo da língua inglesa.

Inicialmente procurei conversar com esses alunos, com objetivo de diagnosticar os problemas em relação à aprendizagem da língua inglesa e pude perceber que havia certo ressentimento dos estudantes com relação ao que eles haviam aprendido anteriormente. Havia reclamações quanto ao conteúdo trabalhado em sala de aula pelos professores e quanto às estratégias utilizadas para o ensino da língua inglesa, durante a trajetória escolar, porém o que me pareceu mais grave foi o fato de muitos desses alunos desconsiderarem a importância de se aprender Inglês na escola, que, segundo eles, era uma disciplina repetitiva e maçante, é que não contribuía para o enriquecimento pessoal deles.

Mudando o foco de minha observação para os professores que ministravam essa disciplina, pude observar também as dificuldades que enfrentavam no cotidiano da sala de aula, não apenas devido ao número reduzido de aulas por semana, mas também por causa das salas superlotadas e da falta de recursos pedagógicos que propiciassem melhor aprendizagem da língua inglesa. Na percepção dos professores, esses fatores contribuía também, para a falta de motivação dos alunos em relação ao estudo da língua.

Essa percepção foi confirmada por mim, quando decidi realizar, no primeiro semestre de 2005, uma experiência com o uso de ferramentas computacionais no laboratório de uma escola de idiomas da Baixada Santista. Eram dez alunos dos níveis *Intermediate 1* e *Advanced 1*, os quais foram selecionados para participar da atividade. O critério de seleção dos alunos dos níveis intermediário e avançado foi

devido ao fato de esses alunos, em tese, possuírem mais autonomia e proficiência lingüísticas para participar das discussões estruturadas em um ambiente mediado pelo computador.

O tema da discussão foram questões apresentadas aos alunos sobre “A importância do domínio da Língua Inglesa para atuação no mercado de trabalho atual” (*The importance of mastering the English Language for competing in the job market nowadays*) e sobre a relevância da Língua Inglesa para a obtenção de uma posição no mercado de trabalho. Todas as respostas dadas circulavam pelos participantes, que concordavam ou argumentavam, posicionando-se com relação às idéias apresentadas pelos colegas. Essa prática possibilitou-me observar que o nível da discussão por meio do computador ficou mais ampliado do que ocorreria na aula presencial, considerando o número de participantes no debate. Além disso, observei também que a discussão on-line levou a uma integração virtual do grupo, aproximando os agentes do processo ensino-aprendizagem pelo respaldo proporcionado à comunicação pedagógica.

Ao final da atividade, propus aos alunos que redigissem um pequeno texto com suas impressões, comentando sobre o grau de dificuldade em relação à participação no debate e pedindo sugestões sobre outros assuntos que poderiam ser abordados em outra oportunidade, além de solicitar que registrassem seu interesse (ou não) em participar daquela discussão. Alguns alunos comentaram que os softwares educativos que são largamente utilizados na escola são muito cansativos e repetitivos e que deveriam ser substituídos por programas mais atuais, que os instigassem a pensar e não somente dar a resposta correta para o exercício. Muitos ainda ressaltaram a importância da utilização de atividades lúdicas associadas ao computador como meio de motivação à aprendizagem.

Levando em consideração a experiência realizada com esse grupo de alunos de língua inglesa na escola de idiomas, com o uso das tecnologias digitais, considerei que a realização de um curso a distância em língua inglesa para professores me daria a possibilidade de conhecer de perto essa modalidade de ensino e vivenciar as dificuldades e possibilidades pedagógicas oferecidas pelo curso. Essa oportunidade surgiu com o oferecimento do curso de formação continuada para professores de Língua Inglesa do ensino médio (*Interaction Teachers*), realizado no período de abril a julho de 2005. O curso, oferecido aos professores da rede na modalidade semi-presencial, com duração de aproximadamente 240 horas tinha como objetivo o aperfeiçoamento lingüístico e a capacitação na informática na educação dos professores da rede pública estadual.

Penso que a realidade educacional que se apresenta ao professor de língua inglesa nas escolas públicas exige que este professor esteja preparado para lidar com os constantes desafios que surgem na sala de aula, pois, muitas vezes, o profissional enfrenta situações difíceis, como o fato de muitos alunos não considerarem a língua estrangeira como uma disciplina tão importante quanto a Matemática ou a Língua Portuguesa. Com isso, criam-se barreiras

que dificultam o trabalho do professor, mesmo aquele mais preparado para lidar com situações conflituosas em sua prática docente. Como lidar com esses conflitos e seduzir o aluno para o conhecimento de uma língua estrangeira, da qual certamente necessitará para se adequar ao mercado de trabalho?

A expectativa em relação ao curso na modalidade a distância trouxe grande contribuição para a compreensão do que significa ser aluna em um curso nessa modalidade e, ao mesmo tempo, incentivou-me a conhecer mais a respeito da educação a distância. Essa experiência ocorreu paralelamente ao meu ingresso no

Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* da Universidade Católica em março de 2005. Naquele semestre tive oportunidade de debater algumas questões referentes às tecnologias na educação e à educação a distância.

O conhecimento das teorias possibilitou-me refletir sobre a realidade educacional em relação ao ensino de língua inglesa e a experiência vivida com o uso de tecnologias no curso oferecido aos professores do ensino médio motivaram-me a investigar de que maneira uma formação docente bem alicerçada poderia contribuir para o aprimoramento do ensino de língua inglesa e para a aprendizagem dos jovens estudantes da escola pública.

Acredito que professores melhor capacitados e motivados podem mudar realidades adversas, modificar pontos de vista e contribuir para a melhoria do quadro educacional atual.

Como aluna do Mestrado, pude entender mais profundamente os pressupostos teóricos que norteiam a Educação como um todo e estudar como os processos de mudança ocorrem nesse cenário. Pude verificar que um dos aspectos presentes nas políticas educacionais em relação ao futuro da educação diz respeito ao desenvolvimento de competências para adequação ao mercado de trabalho. Entre as competências, está o conhecimento de informática e o conhecimento de uma língua estrangeira, preferencialmente, a língua inglesa. Esse conhecimento precisa estar vinculado a uma situação sócio-comunicativa, em que elementos do cotidiano estejam presentes e possam servir de apoio para a construção da autonomia e da criticidade.

Justificativa

Sabe-se que o conhecimento de uma língua estrangeira é essencial para a formação do estudante do Ensino Médio, pois possibilita um maior conhecimento de outras culturas, de novas formas de ver o mundo e, além disso, facilita a inclusão do aluno no mercado de trabalho, campo que exige conhecimento aprofundado de uma ou mais línguas estrangeiras.

Vale ressaltar que o contato com a língua estrangeira na escola ocorra de forma contextualizada e não somente seja focada no ensino de gramática, desvinculada de uma situação real de uso, motivo este que leva o aluno a desinteressar-se pela língua inglesa, na maioria das vezes. Também é importante que o conteúdo que está sendo trabalhado tenha uma aplicabilidade nas situações cotidianas, ou seja, precisa ser significativo para o aluno.

O saber abre inúmeras portas, mas cabe à escola proporcionar aos alunos os conhecimentos e as habilidades para sua formação, pois dificilmente eles terão acesso a esse conhecimento em outras instâncias. Por essa razão, é necessário que o professor esteja preparado para encontrar meios que possibilitem a aprendizagem dos alunos. Um deles diz respeito a como utilizar o computador nas aulas e, embora essa questão já tenha sido bastante discutida, a realidade educacional do ensino médio, nas escolas públicas, mostra um quadro em que prevalecem muitas dificuldades, seja em relação ao número reduzido de computadores nos laboratórios, seja em relação às dificuldades dos professores, na utilização das tecnologias digitais para o ensino de uma língua estrangeira.

Valente (2002), ao traçar um histórico da informática no Brasil, aponta a tendência, a partir da década de 1970, na oferta de cursos aos professores do ensino médio, tendo em vista a inserção do computador nas escolas e a discussão que estava

sendo feita em relação ao uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem de conteúdos curriculares. Esses cursos eram oferecidos por empresas e muitos deles haviam sido projetados com a participação de docentes, buscando garantir o aspecto pedagógico. .

A realização de cursos a distância, como por exemplo *Interaction teachers*, representou uma experiência nova para mim, pois tive a oportunidade de conhecer tutoriais sobre as ferramentas do curso, os quais eram disponibilizados em língua materna. Além disso, a vivência nos encontros síncronos (*chat*), que eram coordenados por professores especializados contratados pela empresas responsáveis pelos cursos, foi significativa em relação à minha aprendizagem em ambientes colaborativos de aprendizagem.

A utilização dos recursos computacionais na Educação não significa, no entanto, a anulação de outros recursos pedagógicos, o que significa que o velho e o novo podem coexistir, fato que pode contribuir para uma análise mais crítica do professor, considerando as várias possibilidades de desenvolvimento dos potenciais pedagógicos oferecidos pelo computador. Isso significa que se deve atentar para o fato de que o computador não pode ser considerado apenas uma ferramenta para reforçar o processo instrucionista, no sentido de utilizar-se unicamente software educativo, cuja finalidade é oferecer ao aluno a resposta correta. Na experiência vivida com os alunos da escola particular de língua inglesa, relatada anteriormente, alguns alunos consideraram importante a utilização de programas que levem o aluno a pensar.

O grande desafio do professor de língua inglesa está na escola pública, porque a maioria dos alunos não têm acesso às tecnologias pedagógicas na escola ou fora dela e, por isso, têm dificuldade em distinguir entre o papel do computador como

máquina de ensinar e sua utilização pedagógica. O mesmo pode-se dizer em relação aos professores que, por diferentes motivos, ainda não se sentem à vontade em relação ao uso do computador. Isso sem mencionar que a maior parte das escolas não dispõe de laboratórios adequados para as aulas ou não possui número suficiente de máquinas. Portanto, a mudança de postura dos educadores frente à inserção dessa tecnologia no processo de ensino-aprendizagem precisa ser incentivada e isso vale tanto para aqueles que desconhecem as tecnologias como para os professores que necessitam aprimorar as técnicas ou que já possuem algum conhecimento de informática.

Problema da pesquisa

Foi a partir das experiências relatadas– como professora de língua inglesa em curso livre de língua inglesa e como aluna de curso de inglês a distância – que pensei em desenvolver uma pesquisa voltada para a percepção dos professores de língua inglesa que também participaram de cursos na modalidade a distância, de modo a conhecer as percepções desses professores sobre as possibilidades pedagógicas oferecidas pelas ferramentas tecnológicas. As questões que se apresentaram naquele momento e que permearam a investigação foram:

1. Os professores que participaram dos cursos na modalidade a distância tinham algum conhecimento anterior sobre ambientes colaborativos de aprendizagem?
2. Como se deu o aprendizado desses professores nessa modalidade de ensino?
3. Qual a percepção dos professores em relação aos ambientes colaborativos de aprendizagem?

4. Os cursos de formação continuada oferecidos pela Secretaria de Estado da Educação melhoraram a prática pedagógica?

A partir dessas questões, foi elaborado o seguinte **problema de pesquisa**:

Quais as possibilidades pedagógicas oferecidas pelas ferramentas tecnológicas em cursos a distância de língua inglesa?

Objetivos

Diante do exposto, a presente pesquisa propõe como **objetivos**:

1. Investigar a percepção dos professores de inglês que atuam no ensino médio sobre a participação em cursos de língua inglesa na modalidade a distância;
2. Investigar as possibilidades pedagógicas proporcionadas pelas ferramentas tecnológicas nos referidos cursos e de que forma a prática pedagógica sofreu mudanças.

Fundamentação teórica

A pesquisa fundamenta-se em pressupostos teóricos de Lévy (1997), Moraes (2002) Alava (2002), Belloni (1999) entre outros pesquisadores que trataram das tecnologias na educação, com vistas a uma discussão sobre aspectos pedagógicos proporcionados pelas ferramentas tecnológicas. Apóia-se também nos fundamentos de Queiroz (2003), Libâneo (2003) e Ortiz (2006), para a discussão dos aspectos referentes à globalização e seus impactos no cenário educacional. São considerados os aspectos trazidos pelos autores em relação às mudanças ocorridas na sociedade e seu impacto na educação e ao papel da língua no mundo globalizado.

Moraes (2002, p.8), ao referir-se ao uso das tecnologias na educação, adverte que não é suficiente o simples acesso à tecnologia em si, mas é necessário que o professor saiba usar as ferramentas no ambiente virtual, chamando a importância para a aquisição dos saberes tecnológicos na formação do professor. Da mesma forma, a escolha do ambiente virtual é importante para a aprendizagem, pois se esse ambiente promover a interatividade entre os alunos e entre o professor e os alunos poderá auxiliar o professor na busca de informações contextualizadas e ser um instrumento de grande valia no processo educativo. Sob esse aspecto, ao ser abordado o uso pedagógico das tecnologias, dois conceitos se fazem pertinentes: a interação e a interatividade. Uma breve diferenciação se faz necessária.

A interação se dá no processo de comunicação, em que os interlocutores se posicionam frente a um dado assunto e estabelecem contato. Já a interatividade pode ser caracterizada como um processo de reelaboração de conceitos pré-estabelecidos, um novo olhar na construção do conhecimento.

Masetto (2000), em seu estudo sobre mediação pedagógica e uso da tecnologia, postula que a desvalorização da tecnologia em educação tem relação com experiências mal sucedidas, ocorridas nas décadas de 1950 e 1960, quando o computador era visto como um auxiliar da administração da escola. As experiências com a utilização do computador, nesse período, baseadas no uso de técnicas, impunham excessivo rigor e tecnicismo, no qual predominava o conceito de eficiência e eficácia. A partir da década de 1980, no entanto, o uso pedagógico do computador passou a ser o principal foco em relação a essa tecnologia.

A concepção de Kenski (2003) com relação ao novo papel do professor e do aluno e ao ensino-aprendizagem elucida esse aspecto:

Não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino e, por extensão, a educação de forma geral, mas a maneira como essa tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e a informação. Essa maneira pode ser revolucionária ou não. Os processos de interação e comunicação sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo do que das tecnologias utilizadas, seja o livro, o giz ou o computador e as redes. (KENSKI, 2003, p.121).

Segundo a mesma autora, a interação pressupõe envolvimento, ou seja, podemos interagir com o ambiente que nos cerca, com os animais, plantas, professores, conteúdo veiculado na televisão, rádio, computador. Essas interações podem ser de unidirecionais, sem maiores trocas comunicativas

Considerando-se o exposto acima, pode-se inferir que a interação é um dos aspectos fundamentais na relação professor aluno, contudo, quando se fala em novas tecnologias de comunicação e informação, outro conceito se faz presente: a interatividade.

A presente pesquisa está sustentada nessas concepções. Vale ressaltar que a investigação não se esgotará no referencial apresentado, pois o universo que engloba as tecnologias da informação e comunicação, assim como outros saberes, está em constante atualização.

Procedimentos metodológicos

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de cunho qualitativo. As razões que sustentam essa caracterização estão calcadas nos pressupostos teóricos de Menga Lüdke e Marli André (1986), os quais consideram que os dados obtidos com a pesquisa devem ser cruzados com a fundamentação teórica.

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.1).

A pesquisa é um conhecimento construído e precisa ser realizada a partir de um problema previamente delimitado, num esforço de elaborar conhecimentos de aspectos da realidade. O procedimento utilizado para a coleta dos dados desta pesquisa foi a entrevista semi-estruturada, que, segundo Lüdke e André (1986, p.33), “representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa”. Uma das vantagens desse método, segundo Lüdke e André (1986), é a captação imediata e corrente da informação desejada, o que permite correções, esclarecimentos e adaptações. Isso demonstra o caráter eficaz na obtenção das informações. As entrevistas foram gravadas, procedimento que segundo Lüdke “(...) tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado” (LÜDKE e ANDRÉ, p.37).

A pesquisa foi desenvolvida através da realização de entrevistas com quatro professores de inglês que atuam na rede pública. Os professores que participaram desta pesquisa atuam na cidade de Cubatão, São Paulo, na Rede Estadual, em escolas situadas tanto na parte central como na parte periférica do município. Com isso, procurou-se traçar um panorama que abrangesse tanto professores que lidam com as populações mais carentes, como aqueles que lidam com os alunos oriundos de classe média baixa. Quanto à escolha dos professores, foram utilizados os seguintes critérios:

- a) Tempo de atuação no magistério (dois anos no mínimo);
- b) Habilitação em Língua Inglesa;
- c) Estar ministrando aulas de Língua Inglesa para o Ensino Médio;
- d) Participação em cursos de formação continuada oferecidos pela SEE (Secretaria Estadual de Educação);

- e) Participação em cursos de formação a distância;
- f) Disponibilidade para entrevistas.

A entrevista semi-estruturada baseou-se em três tópicos principais, a saber:

I – Perfil profissional;

II – Atuação;

III – Formação contínua/auto-formação.

As entrevistas gravadas inicialmente foram transcritas e, com base nos dados obtidos, elaboramos as categorias de análise, centradas na questão das possibilidades pedagógicas oferecidas pelas tecnologias digitais. Os resultados mostraram que as tecnologias no campo educacional estão cada vez mais ganhando campo entre professores do ensino médio e têm refletido de maneira positiva em sua prática pedagógica, visto que buscam os saberes tecnológicos como auxiliares para a construção dos saberes.

Estrutura da Dissertação

A Dissertação apresenta uma Introdução, três capítulos e Considerações. No primeiro capítulo, intitulado *A globalização e seu impacto na educação: o papel das tecnologias no ensino* serão abordadas a temática dos fundamentos da globalização, além da discussão sobre as mudanças educacionais em consequência do novo paradigma do saber.

No segundo capítulo intitulado *Educando para o futuro: o papel da língua inglesa no mundo globalizado e o desenvolvimento da informática na educação* será discutida a questão das tecnologias educacionais na educação, enfocando os aspectos mais

relevantes com relação às possibilidades pedagógicas que os meios tecnológicos podem oferecer.

No terceiro capítulo cujo título é *A percepção de professores de língua inglesa sobre as possibilidades pedagógicas do uso do computador*, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada com os professores de inglês da rede estadual e municipal de ensino, centrando-se o foco na questão de como os professores participantes perceberam as possibilidades pedagógicas proporcionadas pelos ambientes virtuais de aprendizagem nos cursos a distância em língua inglesa e se os cursos melhoraram o desempenho desses professores. As considerações finais resgatam os objetivos da pesquisa, apontando aspectos significativos em relação aos resultados.

CAPÍTULO 1 – A GLOBALIZAÇÃO E SEU IMPACTO NA EDUCAÇÃO: o papel das tecnologias no ensino

A globalização é um tema complexo e já foi objeto de inúmeros estudos. O objetivo deste capítulo é pontuar alguns aspectos relativos à implicação da globalização na educação, considerando que essas reflexões poderão servir de subsídios para o tema desta Dissertação.

Ao mencionarmos o termo globalização, alguns questionamentos se instauram. Embora ele sugira uma idéia, um tanto quanto generalizada de inclusão e de ligação entre países, regiões e pessoas, o que se percebe, no entanto, é a lógica de exclusão da maioria, pois a lógica desse sistema é o mercado livre, como pode ser observado no mundo da produção, em que fronteiras se enfraquecem, diluem-se os mercados, as regiões, os países, as pessoas. De acordo com Libâneo (2003, p.75), a globalização é mais fortemente sentida nos seguintes aspectos:

- a) Produtos, capitais e tecnologias sem identidade nacional;
- b) Automação, informatização e terceirização de produção;
- c) Implementação de programas de qualidade total e produtividade (processos de reengenharia em vista de maior racionalidade econômica);
- d) Demissões, desemprego, subemprego;
- e) Recessão, desemprego estrutural, exclusão e crise social;
- f) Diminuição dos salários, diminuição do poder sindical, eliminação dos direitos trabalhistas de flexibilização dos contratos de trabalho;
- g) Desqualificação do Estado (como promotor do desenvolvimento econômico e social) e minimização das políticas públicas.

É preciso mencionar também a questão da globalização da cultura, presente nas diversas formas de comunicação assim como nas desigualdades sociais e econômicas decorrentes dos novos processos de comunicação. No que tange à compreensão do processo de globalização, o termo pressupõe ainda que a racionalidade econômica se baseie no mercado global competitivo e auto-regulável, fato que exclui a regulação de mercado pelo Estado, sendo que esse mercado pode se auto-regular através da lei da oferta e da procura. Embora possa parecer que

esse processo seja uma forma de provocar uma desestruturação do capitalismo, o contrário se evidencia cada vez mais. Segundo Harvey (1992):

O capitalismo está se tornando cada vez mais organizado através da dispersão, da mobilidade geográfica e das respostas flexíveis nos mercados de trabalho, nos processos de trabalho e nos mercados de consumo, tudo acompanhado por pesadas doses de inovação tecnológica, de produto e institucional. (HARVEY, 1992, p. 150-151)

Libâneo (2003) traça um histórico das revoluções científicas e tecnológicas da modernidade, focando as mudanças ocorridas na sociedade em três momentos significativos, os quais ocorreram nos últimos três séculos e que marcam a passagem do processo artesanal para o industrial (século XVIII), as mudanças na organização do trabalho (século XIX) e a revolução tecnológica (século XX).

A passagem do processo artesanal ao processo de industrialização, momento em que se deu a transição da sociedade agrária para a sociedade industrial, ocorrida na Inglaterra durante a segunda metade do século XVIII marca primeira revolução. As novas formas de controle do tempo de produção foram significativas para as mudanças que implicaram, inclusive, a divisão do trabalho e o aumento de concentração de capital.

Ainda de acordo com o pensamento de Libâneo (2003), a segunda revolução ocorre na segunda metade do século XIX e tem, como força motriz, a eletricidade, além de avanços no setor químico, nos meios de transporte e de comunicação. Há considerável aumento da organização do trabalho (propostas de Taylor e Ford), com vistas a um conseqüente aumento de produção, menor desperdício de matéria prima e aumento do controle de movimentação de pessoal na linha de montagem.

Há que se considerar que o aumento da produção das indústrias não gerou maior qualificação do trabalhador, pois o fato de prevalecer uma lógica de produção fundamentada na divisão técnica do trabalho, na produção por segmentos teve

como conseqüência a especialização. Cada trabalhador era preparado para desenvolver uma parte do produto, cabendo à linha de montagem a união das partes.

Essa concepção teve grande influência na educação, cujas políticas passaram a valorizar a preparação de técnicos para atuar no mercado de trabalho, considerando que novas competências deveriam ser desenvolvidas pelos alunos na escola, a qual tinha por meta formar profissionais habilitados. Como decorrência dessas mudanças, nessa época começaram a surgir as escolas técnicas profissionalizantes, criadas dentro dos objetivos das políticas educacionais.

Com o advento de século XX, ocorre a terceira revolução, que se caracteriza pelo aprimoramento das tecnologias de informação, as quais, por sua vez, exigem novas competências e conhecimentos especializados.

Sobre esse aspecto, Queiroz (2003), ao estudar os efeitos da globalização na educação, faz uma discussão a respeito da política taylorista no que diz respeito à criação da linha de montagem e a conseqüente desqualificação do trabalho manual.

O taylorismo e o fordismo representaram uma política de transformação tecnológica, organizacional e disciplinar que levou ao fracionamento da atividade produtiva tornando-a incompreensível e intensificando o controle sobre os trabalhadores. Estes passaram a ter o salário como único estímulo para desempenharem suas funções porque lhes foi negada a possibilidade de participarem das decisões sobre o que produzir, para quê e como. (QUEIROZ, 2003, p.122)

No referido estudo, a autora discute também a influência dos sistemas de produção e distribuição e os reflexos do processo de taylorização na educação, considerando a mudança de foco da figura do professor para o processo de ensino-aprendizagem.

Na pedagogia tecnicista a organização racional dos recursos passou a ser o destaque do processo ensino-aprendizagem, diferentemente da pedagogia tradicional, que se centrava na figura do professor e da

pedagogia nova, que valorizava mais o aluno (QUEIROZ, 2003, p.123)

Com relação à educação, a orientação política do neoliberalismo enfatiza, de maneira ideológica, um discurso de crise e de fracasso da escola pública, como sendo decorrente da incapacidade administrativa e financeira de o estado gerir o bem comum. Segundo a análise de Libâneo (2003), o Estado visto sob essa perspectiva está desobrigando-se pouco a pouco da educação pública. Em contradição a esse fato, a questão da requalificação dos trabalhadores obedece a uma ordem diferente, ou seja, as novas formas de organização da produção estão sendo pautadas nas novas tecnologias. Os novos pré-requisitos para os trabalhadores, que num momento anterior se restringiam a tarefas fragmentadas e repetitivas dão lugar a uma nova postura, cuja capacidade vai muito além de executar tarefas. O mercado necessita de pessoas com ampla visão de mundo, com habilidades comunicacionais e capacidade de flexibilização, ou seja, um indivíduo capaz de se adaptar às mais diversas situações.

O Banco Mundial, por sua vez, é incisivo em suas orientações. A educação básica necessita estar articulada ao novo paradigma produtivo. A tecnologia educacional está aliada ao processo produtivo e o aumento da produtividade, no intuito de conseguir eficiência, eficácia e qualidade no processo pedagógico, numa ótica denominada *neotecnicismo*.

1.1. As mudanças na sociedade

A mudança de paradigma da produção em massa para uma produção enxuta indica uma transformação na maneira como pensamos e agimos. Estamos inseridos numa sociedade que privilegia o conhecimento, colocando-o em papel de destaque.

Essa valorização do conhecimento demanda uma nova postura dos profissionais em geral, e, portanto, requer o repensar dos processos educacionais, principalmente daqueles que estão diretamente relacionados com a formação de profissionais e com os processos de aprendizagem. (VALENTE, 1999, p. 29)

Analisando-se o que foi apresentado acima, pode-se perceber que a mudança de atitude, uma ressignificação do conceito de ensinar e aprender. No entanto, nota-se certo descompasso entre essa mudança de atitude e sua aplicação na Educação, uma lentidão perceptível se compararmos o desenvolvimento do Brasil com países como França e Estados Unidos.

Vale ressaltar que essa mudança pedagógica tão almejada pretende afetar a escola como um todo: tanto no âmbito da organização, na sala de aula, nos papéis dos professores e dos alunos diante da tecnologia que está presente em quase todas as esferas da sociedade.

As idéias do Fordismo foram associadas à Educação: a informação deveria ser “empurrada” para o aluno, como em uma linha de montagem, em que o professor era visto como “montador”, que possuíam uma estrutura de “supervisão de produção” composta por diretores, que verificavam se o “planejamento de produção”, caracterizando os currículos, métodos e disciplinas, estavam sendo cumpridos à risca.

Esse paradigma da educação em massa tem sofrido muitas críticas, pois desperdiça o potencial mais nobre do homem: sua capacidade de pensar e criar, já que ele é visto como sendo somente um produto. Porém, essa nova perspectiva de ensino “enxuto” ainda está longe de se realizar.

Um dos aparatos que mais chama a atenção nessa revolução é, sem dúvida, o computador, considerado a invenção do século, tendo em vista que seu uso pode

ser evidenciado nas mais diversas áreas da atividade humana, além de estar relacionado à potencialização dos meios de produção em um mundo cada vez mais competitivo e globalizado. Há que se considerar também que o modelo toyotista, criado a partir dos modelos de gestão do sistema Toyota, no Japão, nas décadas de 1950 e 1960 contribui para as mudanças tecnológicas que também influíram no sistema educacional. Esse modelo, baseado no conceito de produção enxuta e de melhor aproveitamento das experiências e conhecimentos dos trabalhadores, buscou investir na formação contínua desses trabalhadores. A esse respeito, afirma Queiroz (2003):

É possível traçar um paralelo entre as antigas e as novas competências desejáveis no trabalhador. No modelo taylorista a capacidade de cumprir as tarefas era fundamental, já no modelo pós-taylorista valoriza-se a capacidade de iniciativa, de tomar decisões e assumir responsabilidades. Antes realizavam-se tarefas simples e repetitivas, agora é necessário realizar tarefas variadas e complexas. O taylorismo baseava-se na disciplina e obediência às instruções e o pós-taylorismo incentiva a capacidade de identificar e resolver problemas com base numa compreensão global (QUEIROZ, 2003, p.127).

Não é difícil verificar como esses conceitos estão presentes na discussão sobre educação a distância e no que essa modalidade de ensino incorporou desse modelo de sistema, no que diz respeito à continuidade dos saberes, ao trabalho em equipe, aos processos colaborativos. Além disso, a educação num mundo globalizado, principalmente por meio da modalidade a distância tem sido vista como mercadoria.

Se a revolução informacional, ocorrida no século XX, culminou com a criação da Internet, na década de 1970, a partir da década de 1990, houve avanço da tecnologia com o desenvolvimento das redes. O contínuo avanço das telecomunicações torna o mundo pequeno, comparado à *aldeia global*, de McLuhan, em que as informações circulam em velocidade vertiginosa. Além disso, o

surgimento de uma nova linguagem comunicacional e os diferentes mecanismos de comunicação e de acesso à informação que circula na rede trazem novas possibilidades de uso do computador.

Diante do exposto, pode-se verificar que uma reestruturação no sistema educacional, que esteja em sintonia com as necessidades reais impostas pelo novo paradigma, é essencial para que se possa corresponder aos desafios impostos pela sociedade tecnológica.

1.2. O paradigma do saber: mudanças

Segundo Barker (1992), um paradigma é um conjunto de regras, de leis explícitas ou tácitas que visam dois objetivos. O primeiro deles é estabelecer, sobretudo os contextos de uma realidade social, e o segundo é o de indicar como devem ser organizados os elementos dessa realidade social dentro desses contextos, sendo que algumas constatações são observadas, dentre elas:

1. A visão de mundo é fortemente influenciada por paradigmas;
2. Quando nos resolvemos bem com nossos paradigmas, resistimos a mudá-los;
3. Um novo paradigma reconduz cada um ao ponto de partida. Os usuários hábeis do velho paradigma, que retiram grandes vantagens dele, perdem suas vantagens à medida que se implanta o novo paradigma.

Vasconcellos (2002, p.37) ao retomar os vários significados do termo paradigma, criado por Kuhn (1962) no livro *A estrutura das revoluções científicas*, afirma que o termo tomado na acepção de crenças e valores compartilhados é o aspecto menos compreendido: "(...) Kuhn considera que, antes que o cientista aprenda a pesquisar,

a usar as teorias, ele precisa aprender uma visão de mundo específica, aprender/apreender um paradigma”.

Na educação, a mudança de paradigma está relacionada com uma transformação da relação com o saber. Lévy (1997), ao abordar a questão do paradigma, mostra como a história da humanidade é marcada por transformações. Ao referir-se à mudanças ocorridas nos processos de comunicação descreve como, nas sociedades anteriores à escrita, o saber prático, religioso e social eram encarnados pela comunidade ativa, e realizados por meio da transmissão oral, de geração em geração. O surgimento do escrita e, posteriormente o advento da imprensa e o surgimento das bibliotecas marca um terceiro momento em relação às mudanças sociais e culturais, considerando que um número maior de pessoas passou a ter acesso ao conhecimento.

De acordo com o pensamento de Lévy (1997) em sua análise sobre a cibercultura, há a menção de três fatores relacionados à mudança atual de paradigma do conhecimento. O primeiro deles é a velocidade do aparecimento e do desaparecimento de saberes e habilidades, caracterizando o caráter de efemeridade desses saberes e a necessidade de uma formação contínua, de busca de novos saberes. O segundo fator diz respeito ao trabalho, que se evidencia por um processo de constante aprendizagem, transmissão, saberes, construção de novos conhecimentos e no tratamento e na interpretação de informações. O meio de trabalho passa a ser o local pontual de produção de informações, enquanto as instituições de ensino aparecem como lugares de aprendizagem, de integração e síntese de informações em conhecimento, em um saber. O terceiro fator pretende que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) amplifiquem, exteriorizem várias funções humanas, como por exemplo, a memória, a imaginação, percepções

e o raciocínio. Contudo, esse fenômeno é de extrema complexidade e ambivalente, pois a utilização das TICs não conduz necessariamente ao desenvolvimento da inteligência, mas oferece ambiente propício a esse desenvolvimento.

Para Oliveira (2001), em uma perspectiva técnico-científica, tecnologia refere-se à forma específica da relação entre o ser humano e a matéria, no processo de trabalho, que envolve o uso de meios de produção para agir sobre a matéria, com base em energia, conhecimento e informação. A tecnologia refere-se a arranjos materiais e sociais que envolvem processos físicos e organizacionais, referidos ao conhecimento científico aplicável.

No entanto, a tecnologia não é propriedade neutra ligada à eficiência produtivista, e não determina a sociedade, da mesma forma que esta não escreve o curso da transformação tecnológica. Ao contrário, as tecnologias são produtos da ação humana, historicamente construídos, expressando relações sociais das quais dependem, mas que também são influenciadas por eles. Os produtos e processos tecnológicos são considerados artefatos sociais e culturais, que trazem em seu bojo relações de poder, intenções e interesses diversos. Quanto à educação, entende-se que ela é um trabalho concreto de produção e reprodução social da existência humana, nas esferas material e espiritual, pelo qual os atores da situação pedagógica relacionam-se entre si e com o mundo natural e social.

Com base nos estudos de Lévy (1997), pode-se considerar que a globalização e o desenvolvimento das tecnologias colocam em xeque o próprio conceito de nação, uma vez que a movimentação generalizada de informações e corrida pelo poder, em todas as suas esferas estão enraizadas no processo da interconexão, nos sistemas de redes. Essa quebra de fronteiras ainda faz parte do mundo, mas um mundo em revolução, como pode ser visto no trecho que segue:

A travessia das fronteiras é a nova pulsação da Terra. Certos Estados reforçam seus limites para impedir que seus habitantes escapem: são ditaduras, prisões dos povos. Outros Estados trancam suas fronteiras no outro sentido e filtram a imigração para não sentir em seu território o efeito de suas ações e de suas políticas nos países pobres (LÉVY, 2001, p.33).

O receio da perda da identidade fica evidenciado, pois as medidas de prevenção da entrada dos estrangeiros visam o impedimento de circulação de informações e de pessoas e uma vez que isso aconteça, o Estado perderá seu poder.

1.3. Os reflexos das mudanças na educação: projetos governamentais para a implantação da Informática no ensino

Em meados da década de 50, começaram a ser comercializados os primeiros computadores com capacidade de armazenamento e programação de informações assim como se iniciaram as primeiras experiências com o uso dessa tecnologia na educação. Deve-se considerar que a ênfase nessa época era dada ao armazenamento de informações e a facilidade da transmissão de dados ao usuário, considerando que o computador era visto a máquina de ensinar idealizada por Skinner. O Programa Proinfo, criado na década de 1970, com objetivo de formar multiplicadores para o uso das tecnologias nas escolas, em sua primeira fase tinha por objetivo era ensinar a manejar computadores.

A partir da década de 1980, o conceito foi-se modificando e atualmente considera-se o computador uma ferramenta imprescindível no processo de aprendizagem e na construção do conhecimento. Se, na década de 1970, segundo Cysneiros (2001, p.20), a tecnologia era considerada como um elemento focal, como um “substantivo”, ou seja, o importante era conhecer os programas de computador, hoje

em dia, com o desenvolvimento das ferramentas, a utilização do computador tornou-se mais fácil, considerando que os tutoriais auxiliam o usuário nas tarefas.

Num contexto em que a velocidade da informação é extrema, a adequação ao uso das tecnologias deve ser salientada desde a formação do docente. As concepções de épocas anteriores, carregadas de ideologias tecnicistas, com predomínio do instrucionismo, estão sendo, paulatinamente, substituídas por uma concepção mais voltada para o desenvolvimento das potencialidades de quem utiliza essa ferramenta, tendo em vista que o computador e as outras tecnologias servem como aliados e não como inibidores e condicionadores do conhecimento.

A utilização pedagógica do computador também se fez sentir na mudança de postura dos educadores, considerando que se, há algumas décadas, havia um grande receio de que a máquina substituísse o homem, hoje há um consenso em relação às possibilidades pedagógicas do computador e a inserção dessa tecnologia no processo de ensino-aprendizagem passou a ser vista como um aprimoramento das técnicas já existentes.

As políticas governamentais, diante da necessidade de formação de recursos humanos para o setor de informática, foram criadas pela SEI (MEC/FUNTEVE, 1985, p.3), em março de 1980, a Comissão Especial n. 1: Educação (CEE-1, 1980), com a finalidade de “colher subsídios das duas secretarias e gerar normas e diretrizes do novo e amplo campo que se abria para a Educação”.

No relatório de 1982 (PR/CSN/SEI,1982, p. 33), consta que a “Informática na Educação Brasileira deve ser balizada por valores nacionais e que deve ser dada ênfase às questões de formação de recursos humanos com a implementação de centros-piloto de experiências no setor, de caráter multidisciplinar” (MORAES, p.100).

O MEC pretendia, através de algumas diretrizes, abranger todos os campos de relação entre informática e a Educação, que englobavam os três níveis de ensino além dos próprios centros de pesquisa e administração pública.

Com a aliança dos militares à denominada burguesia nacional, a informática na Educação tomou um rumo mais globalizador. A partir da Nova República (1985), mudanças de peso começam a surgir na gestão da área no Brasil. Naquele mesmo ano é aprovado pelo Conselho Nacional de Informática (CONIN) o I Plano Nacional de Informática (PLANIN). Porém existem contradições e divergências no processo. Em 1980 o interesse central estava na “satisfação das necessidades internas do próprio capital nacional em busca de sua expansão” (MORAES, p.115).

O que se buscou foi somente capacitar tecnologicamente o país para que se tornasse competitivo no mercado mundial. Ainda co-existem o desemprego tecnológico e a alienação dos trabalhadores face à tecnologia.

Existe ainda um risco: o de se enfatizar exageradamente as técnicas, esvaziando-se os conteúdos, num movimento similar ao escolanovista no Brasil. A Educação precisa incorporar de maneira crítica essa tecnologia, de uma maneira crítica e criativa, utilizando-a como uma ferramenta de aprimoramento das técnicas pedagógicas.

1.3.1. A informática na educação

As políticas educacionais têm focado a importância das tecnologias digitais na educação como ferramentas importantes para o aluno construir seu próprio conhecimento. Se, há algumas décadas atrás, a informática era considerada, conforme afirma Cysneiros (2001, p.20), “como um elemento focal”, atualmente, o

foco deslocou-se para a educação, passando a informática a ser uma ferramenta de apoio. Por isso, fala-se hoje em “informática educacional” ou em “tecnologia educacional” e parece claro aos educadores que a tecnologia não pode ser vista como meio e como fim.

A informática na educação enfatiza, num sentido mais abrangente, o fato de o professor da disciplina curricular ter conhecimento sobre os potenciais educacionais do computador e ser capaz de alternar adequadamente atividades tradicionais de ensino-aprendizagem e atividades que usam o computador como base.

Contudo, deve atentar ao fato de que o computador pode ser somente considerado uma ferramenta para reforçar o processo instrucionista, quanto para o aluno construir seu conhecimento. Quando a segunda hipótese se dá, o computador passa a ter um outro papel, o de máquina para se ensinada, uma vez que o aprendiz vai descrever a linguagem para resolução de problemas, usando linguagens de programação, refletir sobre os resultados. Para que isso aconteça de forma eficaz, é necessário que os papéis do professor e do aluno nesse contexto tecnológico sejam revistos e analisados criticamente.

Sabe-se que educar é um processo complexo, o qual pressupõe a intencionalidade do sujeito. A simples informação não gera aprendizagem e, no caso das tecnologias digitais, estas exigem não apenas o domínio dos conteúdos a serem ministrados nos ambientes colaborativos, mas também o domínio de técnicas que lhes permitam acessar as informações, reelaborar conteúdos e construir conhecimento.

As políticas educacionais atuais têm focado a importância das tecnologias digitais na educação como ferramentas importantes para o aluno construir seu próprio conhecimento. Se, no início da década de 1970, as escolas contratavam profissionais formados em Informática para trabalhar junto aos professores – e na

maioria das vezes, esses profissionais eram os únicos a ter acesso aos laboratórios – a concepção atual é diferente, uma vez que se procura dar formação ao professor, para que tenha conhecimentos que possibilitem a ele utilizar o computador e, desta forma, acompanhar seus alunos. Conforme afirma Cysneiros (2001, p.20), a informática era “um elemento focal”, porém a partir da década de 1980, esse foco deslocou-se para a educação, passando a informática a ser uma ferramenta de apoio aos docentes. Por isso, fala-se hoje em “informática educacional” ou em “tecnologia educacional” e parece claro aos educadores que a tecnologia não pode ser vista como um fim em si mesma.

A informática na educação enfatiza, num sentido mais abrangente, o fato de o professor da disciplina ter conhecimento sobre os potenciais educacionais do computador, de modo a trabalhar com o aluno. Contudo, deve-se atentar para o fato de que o computador é uma ferramenta importante para que aluno possa construir seu conhecimento e, para que isso aconteça de forma eficaz, há que se pensar que os papéis do professor e do aluno nesse contexto tecnológico já não são os mesmos de trinta ou quarenta anos atrás. A velocidade da informação é extremamente rápida, a adequação ao uso das tecnologias deve ser salientada desde a formação do docente. A mudança de postura dos educadores frente à inserção dessa tecnologia no processo de ensino-aprendizagem deve ser vista como um aprimoramento das técnicas já existentes e não como um obstáculo intransponível. Os objetivos da educação devem ser estabelecidos desde o princípio, estando professores e alunos conscientes de seus papéis dentro da escola e da sociedade em que vivem.

Ao ser abordado o aspecto educacional do uso das tecnologias, dois conceitos se fazem pertinentes: a interação e a interatividade. Uma breve diferenciação se faz

necessária. A interação se dá no processo de comunicação, em que os interlocutores se posicionam frente a um dado assunto e estabelecem contato. Já a interatividade pode ser caracterizada como um processo de reelaboração de conceitos pré-estabelecidos, um novo olhar na construção do conhecimento.

Analisando-se o que foi colocado acima e projetando essas concepções para o processo educacional, um questionamento é pertinente: Até que ponto a interação entre o velho e o novo (o livro e o computador) na utilização das tecnologias, é de responsabilidade só do educador?

Para se responder a essa pergunta, de extrema complexidade, é necessário que seja analisada a visão mecanicista da educação, em que existia a primazia da aula expositiva, com excesso de informações e a nova visão dos papéis, tanto do educador como do aluno, que hoje se estabelece: o professor mediador e o aluno co-responsável pela aprendizagem.

Embora se saiba que as mudanças na escola não ocorrem de um dia para o outro e que a presença das tecnologias digitais exige ajustes não apenas de ordem material, mas, principalmente, em relação à postura dos educadores, é importante lembrar a relevância da participação dos docentes no processo de mudança educacional com a utilização de tecnologias digitais, para que esses docentes tenham oportunidade de conhecer as novas metodologias de aprendizagem oferecidas nos ambientes virtuais colaborativos.

Embora se saiba que as mudanças na escola não ocorrem de um dia para o outro e que a presença das tecnologias digitais exige ajustes não apenas de ordem material, mas, principalmente, em relação à postura dos educadores, é importante lembrar a relevância da participação dos docentes no processo de mudança educacional com a utilização de tecnologias digitais, para que esses docentes tenham oportunidade

de conhecer as novas metodologias de aprendizagem oferecidas nos ambientes virtuais colaborativos. Segundo Moran (2000) o docente diante das novas tecnologias pode exercer um papel de orientador/mediador do processo de aprendizagem, que por vezes estimula, motiva incentiva, organiza os limites, informa, ajuda a escolher as informações mais importantes e trabalha para que elas se tornem significativas para os alunos, permitindo, assim, que eles possam compreender, avaliar e reelaborar informações.

Essa mobilidade abre espaço à criação de novas fronteiras, que realçadas pelo distanciamento geográfico que se percebeu desde os primórdios, vai criar uma ruptura, em que um novo espaço-tempo se constrói. Uma nova identidade fica evidenciada e, com relação ao trabalho, também são visíveis as mudanças, conforme nos lembra Pierre Lévy (2001) em seu estudo:

Nossos pais eram camponeses, nossos filhos trabalharão em nebulosas empresas conectadas em rede... ou pertencerão ao terceiro mundo planetário dos pobres das grandes metrópoles. (LÉVY, 2001, p. 21)

Estar ou não incluído na Sociedade do Conhecimento, participar ou não das redes que se criam a cada momento no ciberespaço são questões que estão presentes nos debates que tratam da educação com o uso das tecnologias digitais. Sob esse aspecto, a contribuição que o filósofo francês nos traz serve de alerta para os educadores. Se cabe à escola formar o aluno não apenas para o mercado de trabalho, mas também para a vida, o fato de não participar das redes de conhecimento poderá definir cada vez mais os grupos sociais.

Trazendo a discussão para o âmbito da educação, observa-se que, cada vez mais as chamadas novas tecnologias são colocadas no centro da questão. Em trabalho publicado em 1999, Valente chamava a atenção para o papel da informática na

educação, ao afirmar que essa “deverá ser uma ferramenta para permitir a comunicação de profissionais da escola e consultores e pesquisadores externos, permitindo a presença virtual desse sistema de suporte na escola” (Valente, 1999, p.46).

O estudo de Valente, considerado um clássico na área, aponta os caminhos da informática na educação e de como, paulatinamente, as propostas educacionais foram introduzindo o conceito educacional à informática. Ao chamar a atenção dos educadores para o uso pedagógico do computador, Valente propõe um debate que vigora ainda nos dias atuais.

As políticas públicas têm focado a autonomia da escola, estimulando a autogestão. Com isso, as escolas estão aprendendo a exercer maior liberdade de decisão e de ação. Uma das principais causas está na maneira como a implantação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) está se dando em nosso país e como os educadores têm contribuído, com pesquisas na área, para a compreensão pedagógica das tecnologias nos processos formativos.

CAPITULO 2 – EDUCANDO PARA O FUTURO: o papel da Língua Inglesa no mundo globalizado

O capítulo aborda o significado da língua inglesa no cenário mundial, centrando a discussão no papel da língua inglesa na formação do aluno que deve ter habilitações para atuar em um mercado de trabalho competitivo e que exige um profissional capacitado. Discute também a questão do impacto das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) na educação, com foco na formação do professor para o ensino da língua inglesa com o uso de tecnologias digitais.

2.1. A Língua Inglesa no contexto da globalização

Uma das questões que estão presentes nas políticas educacionais em relação ao futuro da educação diz respeito ao desenvolvimento de competências para atuar no mercado de trabalho. Entre as competências, estão o conhecimento de informática e o conhecimento de uma língua estrangeira, preferencialmente, a língua inglesa. Sabe-se que o conhecimento de uma língua estrangeira é extremamente importante para a formação do estudante do ensino médio, pois possibilita um maior conhecimento de outras culturas, de novas formas de ver o mundo e, além disso, pode auxiliar o aluno para atuar no mercado de trabalho que exige conhecimento aprofundado de uma ou mais línguas estrangeiras.

Um breve histórico sobre difusão da língua inglesa no mundo, especialmente no Brasil, mostra que, após a Segunda Guerra Mundial, intensifica-se a dependência econômica e cultural brasileira em relação aos Estados Unidos, o que motivou a necessidade ou o desejo de se aprender inglês. A produção cultural em língua inglesa que, era em parte conhecida, conquistando o lugar da língua francesa, cuja cultura marcou muitas gerações de brasileiros. Assim, falar inglês nas décadas seguintes passou a ser um anseio das populações urbanas.

Ortiz (2006), ao referir-se à língua inglesa, considerada a língua da ciência, no contexto da globalização, mostra como o inglês funciona como meio de comunicação mais abrangente. Ao fundamentar seu estudo em vários autores que trataram da questão da língua inglesa como língua global, retoma a posição de David Crystal (1997) para quem o poder político do povo e o poder militar determinam as causas da internacionalidade de uma língua.

Há alguma discrepância conceitual entre as afirmações “o inglês é uma língua internacional” e “o inglês é uma língua global” ou seriam elas fruto de imprecisões terminológicas sem maiores conseqüências? Penso que diferenças substantivas existem, e é

importante sublinhá-las. Há, primeiro, uma expressiva desconexão entre os estudos elaborados e os textos sobre a globalização, embora boa parte seja contemporâneas.” (ORTIZ, 2006,P.23)

No dizer do autor, uma língua internacional é aquela que, possuindo integridade própria, circula entre as nações – e, desse ponto de vista os cientistas que se utilizam do inglês fazem-no como uma segunda língua, como uma língua internacional -, enquanto a língua global é aquela “que atravessa os distintos lugares do planeta” (p.25).

Com o advento da globalização interessa saber se o inglês tem apenas esse atributo [língua internacional] ou deve ser compreendido de outra maneira, pois seu lugar, sua posição é inteiramente redefinida. Eu diria que no contexto da globalização ele deixa de ser estrangeiro, algo que se impõe de fora, para constituir-se num idioma interno, autóctone à condição da modernidade-mundo. (ORTIZ, 2006, p.25)

No caso do Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961 retirou a obrigatoriedade do ensino de Línguas estrangeiras no ensino médio (atual ensino básico) e no ensino secundário (atual ensino médio), deixando aos estados a opção pela sua inclusão no currículo. A não inclusão das línguas estrangeiras no currículo do ensino médio, conforme consta na LDB de 1961 e a de 1971, que consideram como disciplinas obrigatórias: português, matemática, geografia, história e ciências, faz com que a decisão sobre o ensino de línguas nesse nível de ensino fique a cargo dos Conselhos Estaduais de Educação.

A lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, apresentou como mudança a introdução do núcleo comum para os currículos de ensino de 1º e 2º graus em todo o país. Esse núcleo comum, fixado e definido na resolução nº 8 de 1º de dezembro de 1971, estabelecia a grade curricular as seguintes matérias: Comunicação e Expressão,

Estudos sociais e Ciências. Em Comunicação e Expressão, o único conteúdo obrigatório é a Língua Portuguesa com a seguinte recomendação no artigo 7º:

Recomenda-se que em Comunicação e Expressão, a título de acréscimo, se inclua uma Língua Estrangeira Moderna, quando tenha o estabelecimento condições para ministrá-la com eficiência. (LDB, 1971)

Em 1976, a resolução nº 58 de 1º de dezembro resgata, parcialmente, o prestígio de línguas estrangeiras, tornando o ensino de LE obrigatório para o ensino de 2º grau.

Diz o artigo 1º:

O estudo de Língua Estrangeira Moderna passa a fazer parte do núcleo comum, com obrigatoriedade para o ensino de 2º grau, recomendando-se a sua inclusão nos currículos de 1º grau onde as condições o indiquem e permitam.

2.2. Parâmetros Curriculares Nacionais

A formação integral do aluno pressupõe um aluno consciente de suas habilidades e de suas possibilidades de crítica e de criação, as quais devem ser sedimentadas durante sua trajetória escolar. Para isso, faz-se necessária uma reflexão acerca de seu papel enquanto aluno, de seus deveres e responsabilidades que integram os processos formativos. Porém também cabe à escola proporcionar aos alunos conhecimentos e incentivá-los no estudo da língua inglesa de modo que possam desenvolver novos estudos a partir da base adquirida na escola. Esse papel cabe ao professor e para isso é necessário que esteja preparado para desenvolver meios que possibilitem a aprendizagem dos alunos.

Os PCNs se referem às tecnologias da informação como uma ferramenta de auxílio para todas as disciplinas, como pode ser visto no trecho que segue:

Em primeiro lugar, Informática não deve ser considerada como disciplina, mas como ferramenta complementar às demais já utilizadas na escola, colocando-se, assim, disponível para todas as

disciplinas. Uma ferramenta diferenciada, porém, pois tem linguagem própria: símbolos, gramática, formas de interação e de interlocução, entre outras especificidades que serão oportunamente apresentadas e detalhadas. Com este conjunto de elementos combinatórios, o aluno encontra oportunidades para o uso dos vários recursos tecnológicos que podem intermediar a aprendizagem de conteúdos multidisciplinares, por meio da pedagogia de projetos, por exemplo, além de desenvolver as competências necessárias para se inserir e manter-se no mercado de trabalho. **(PCNEM + Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, p. 208)**

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, é fundamental o desenvolvimento das competências para comunicar-se em uma língua estrangeira.

Ao pensar-se numa aprendizagem significativa, é necessário considerar os motivos pelos quais é importante conhecer-se uma ou mais línguas estrangeiras. Se em lugar de pensarmos, unicamente, nas habilidades lingüísticas, pensarmos em competências a serem dominadas, talvez seja possível estabelecermos as razões que de fato justificam essa aprendizagem. Dessa forma, a competência comunicativa só poderá ser alcançada se, num curso de línguas, forem desenvolvidas as demais competências que a integram. (Parâmetros Curriculares Nacionais, p. 28)

2.3. As tecnologias como novos saberes

A realidade educacional que se apresenta ao professor de língua inglesa na maioria das escolas públicas exige que este professor esteja preparado para lidar com os constantes obstáculos que surgem na sala de aula, pois, muitas vezes, o profissional enfrenta situações difíceis, como o fato de muitos alunos não considerarem a língua estrangeira como uma disciplina tão relevante quanto a Matemática ou a Língua Portuguesa. Com isso, são criadas barreiras quase intransponíveis que dificultam o trabalho do professor, mesmo aquele mais preparado para lidar com situações conflituosas em sua prática docente. Como lidar com esses conflitos e seduzir o aluno para o conhecimento de uma língua estrangeira, da qual certamente necessitará para não ser excluído de um mercado de trabalho?

Em relação ao ensino de Língua Inglesa com a utilização das tecnologias digitais, questão que será discutida a seguir, um dos aspectos diz respeito à formação do professor para desenvolver esse tipo de atividade, tanto em relação à organização dos conteúdos a serem trabalhados nos cursos como em relação à forma como se dará a intermediação com o aluno.

O professor possui um papel fundamental nesse processo, pois é através de sua habilidade para mediar, conduzir, auxiliar, que ele vai orientar os alunos para que possam trilhar os caminhos do conhecimento.

Essa habilidade do professor deve ser desenvolvida através da implantação de atividades diferenciadas que vislumbrem os mais variados aspectos da aprendizagem. Ele precisa estar disponível para aprender a utilizar novos meios para motivar e instigar seus alunos.

Na obra *Principles and Practice in Second Language Acquisition*, Stephen Krashen (1987), lingüista americano, define os conceitos de language learning e language acquisition e conclui que proficiência em língua estrangeira não é resultado de acúmulo de informações e conhecimento a respeito de regras gramaticais. Leva-nos à conclusão de que línguas são difíceis de serem ensinadas, mas serão aprendidas se houver o ambiente apropriado, uma vez que o aprendizado de um idioma se dá pela assimilação subconsciente de seus elementos (pronúncia, vocabulário e gramática) em contextos sociais.

Krashen (1987) observa também que o ensino de línguas eficaz não é aquele que depende de receitas didáticas em pacote, de prática oral repetitiva, ou que busca apoio de equipamentos eletrônicos e tecnologia, mas sim aquele que explora a habilidade do instrutor em criar situações de comunicação autêntica, naturalmente voltadas aos interesses e necessidades de cada grupo e cada aluno, que funciona

não necessariamente dentro de uma sala de aula, que enfatiza o intercâmbio entre pessoas de diferentes culturas, e que dissocia as atividades de ensino e aprendizado do plano técnico-didático, colocando-as num plano pessoal-psicológico. O computador pode ser entendido como uma ferramenta capaz de derrubar barreiras, tanto geográficas quanto políticas, uma vez que vai armazenar um fluxo muito grande de informações que serão facilmente disseminadas.

Contudo, o que se observa é a discussão que se faz em torno do tema: como utilizar essa ferramenta tão importante em sala de aula? E: o professor sabe como utilizar pedagogicamente o computador? Sabe como pesquisar e como orientar seu aluno na pesquisa? Sabe estabelecer relações, contextualizar?

Sendo a transmissão de informações uma das principais funções da comunicação, pode-se perceber, no entanto, um diferencial: A comunicação visa o plano das representações, em que um contexto é utilizado para interpretar as mensagens que são dirigidas aos interlocutores.

O sentido emerge e se instaura dentro desse contexto, em que a realidade é construída através do jogo da interpretação que é feito a partir do entrelace de conceitos, conforme afirma Lévy: "O contexto designa a configuração de ativação de uma grande rede semântica em um dado momento. (LÉVY, 2000, p.24). Cabe observar que o sentido atribuído é sempre transitório, pois cada fato novo tende a modificar o sentido que havia sido dado a uma colocação.

Pode-se perceber, portanto, que o contexto vai determinar o sentido que será atribuído a uma palavra, pois as imagens mentais que se formarão no leitor, permitirão que ele reorganize seu pensamento, estabelecendo, assim, novos sentidos ao que foi emitido.

O professor precisa estar preparado para lidar com as novas interfaces da tecnologia. A mudança de postura dos educadores frente à inserção dessa tecnologia no processo de ensino-aprendizagem deve ser vista como um aprimoramento das técnicas já existentes e não como um obstáculo intransponível. Os objetivos da educação precisam ser estabelecidos desde o princípio, estando professores e alunos conscientes de seus papéis dentro da escola e da sociedade em que vivem.

Analisando-se o que foi colocado acima e projetando essas concepções para o processo educacional, um questionamento é pertinente: até que ponto a interação entre o velho e o novo (o livro e o computador) na utilização das tecnologias, é de responsabilidade só do educador?

Para se responder a essa pergunta, de extrema complexidade, é necessário que seja analisada a nova visão dos papéis, tanto do educador como do aluno, que hoje se estabelece: o professor mediador e o aluno co-responsável pela aprendizagem. É necessário que se deixem de lado os preconceitos quanto ao uso do computador a sua utilização, assim como devemos abordá-lo de forma pluridisciplinar para que a autonomia do sujeito em formação seja construída. Essa construção se dá tanto na esfera individual, quanto coletiva, num movimento de constante interação, que acontece tanto entre o aprendiz e o objeto de estudo (texto, imagem), com os outros aprendizes da classe e com o formador, que vai ter a função de mediador. Essa dinâmica colaborativa implica na mediatização tanto dos saberes quanto a própria mediação humana.

Por sua vez, o papel do professor também se modifica, visto que as novas tecnologias requerem formação e conseqüente aprimoramento de técnicas de ensino. A velocidade da informação é extremamente rápida, a adequação ao uso

das tecnologias deve ser salientado desde a formação do docente. As concepções de épocas anteriores, carregadas de ideologias tecnicistas e de puro instrucionismo, devem ser substituídas por uma concepção mais voltada para o desenvolvimento das potencialidades, em que o computador e as outras tecnologias servem como aliados e não como inibidores e condicionadores do conhecimento.

Behrens (2000) acredita que a produção de conhecimento com autonomia, com criatividade, com criticidade e espírito investigativo provoca a interpretação do conhecimento e não apenas a sua aceitação. Portanto, na prática pedagógica, o professor deve propor projetos que provoquem um estudo sistemático, uma investigação orientada, para ultrapassar a visão de que o aluno é produto e objeto, e torná-lo sujeito e produtor do próprio conhecimento.

2.4 A mediação tecnológica na Educação

Ao se falar de mediação tecnológica, deve ser salientado o papel da tecnologia na educação e aqui, dois conceitos se fazem pertinentes: a interação e a interatividade. A interação se dá no processo de comunicação, em que os interlocutores se posicionam frente a um dado assunto e estabelecem contato. Já a interatividade pode ser caracterizada como um processo de reelaboração de conceitos pré-estabelecidos, um novo olhar na construção do conhecimento, tendo em vista que hoje o professor é vista como mediador e o aluno co-responsável pela aprendizagem.

A mediação tecnológica, de acordo com Oliveira (2001, p.101), pode ser entendida como mera ponte estabelecida entre as práticas pedagógicas, entre aspectos delas, ou até mesmo entre essas práticas e outras práticas sociais, consideradas de forma independente umas das outras. Na mediação tecnológica, o uso do computador vem

a ser um diferencial, uma ferramenta de apoio no processo. Não se trata de substituir a figura do professor, mas sim aliar todo o horizonte que as tecnologias da informação propiciam a um ensino mais dinâmico e consistente, que possua uma relevância.

As inovações tecnológicas implementadas pelas Tecnologias da Informação e comunicação, ação (TICs) devem ser analisadas e orientadas para um aprimoramento das técnicas pedagógicas e precisam contemplar os objetivos educacionais aos quais se propõem.

Segundo Moran (2000) ensinar é um processo social (inserido em cada cultura, com suas normas, tradições e leis), mas também é um processo profundamente pessoal: cada um de nós desenvolve um estilo, seu caminho, dentro do que está previsto para a maioria. Ensinar depende também da predisposição do aluno em aprender e estar apto a aprender em determinado nível, o que vai depender da maturidade, da motivação e da competência adquiridas.

Uma das maiores autoridades na área de tecnologia, Dieuzeide (1994), aponta duas precauções que devem ser tomadas quanto ao uso educativo das tecnologias:

- A Educação não é um sistema de máquinas de comunicar informação, ou de simplesmente transmitir conhecimento. Ela deve problematizar o saber, contextualizar os conhecimentos, para que os aprendentes possam utilizá-los em outras situações;
- Diferenças existentes entre conhecimento e informação. Segundo ele “O conhecimento ainda não é o saber, e o saber escolar não é todo saber” (DIEUZEIDE, 1994.p.21)

Com base no que foi exposto acima, o processo de mediatização será um dos fatores primordiais para a concepção de qualquer projeto que envolva EaD. Vale ressaltar que a mediatização não é um processo somente relacionado às TICs, uma vez que mesmo um professor em uma aula presencial prepara o material que vai utilizar. Mediatizar, em outras palavras, seria traduzir as mensagens pedagógicas em formas diversas, segundo o meio técnico escolhido (BLADIN, 1990: p.90 apud BELLONI).

De um ponto de vista mais amplo relacionado a cursos a distância, mediatizar significa conceber metodologias de ensino e estratégias de utilização de materiais de ensino/aprendizagem a distância que potencializem ao máximo as possibilidades de aprendizagem autônoma (BELLONI, p.64). Ainda segundo a mesma autora, o uso dos meios técnicos deve ocorrer de forma duplamente integrada: quanto à diversidade de meios e quanto a da uma abordagem interdisciplinar (BELLONI, p. 64). Há, portanto, a necessidade de uma integração entre as TICs e a educação, uma vez que o sucesso da última depende, em grande parte da correta utilização da primeira.

Segundo Belloni (2003) o que nos leva ao problema fundamental da educação. A formação de formadores, pois não se pode pensar em qualquer inovação educacional sem duas condições prévias: a produção de conhecimento pedagógico e a formação de professores.

A perspectiva da formação de professores exige essa reflexão sobre como integrar as TICs à educação como caminho para pensar como formar os professores enquanto futuros usuários ativos e críticos bem como os professores conceptores de materiais para aprendizagem aberta e a distância (BELLONI, p.77).

2.5. A questão da autonomia

Um dos aspectos mais debatidos quando se fala em educação a distância diz respeito à autonomia do sujeito. O tema não é novo, remete-nos a Paulo Freire, contudo veio à tona juntamente com outros conceitos presentes nos discursos educacionais, especificamente na legislação sobre educação a distância, e que se referem a competências, habilidades e autonomia.

O que significa formar um aluno autônomo? Ao se fazer essa pergunta, pode-se pensar que a educação a distância seja uma modalidade de ensino que, por si só, leva o aluno a construir o conhecimento, a buscar soluções para as várias questões que lhe são postas.

Contudo, também a autonomia é um processo, que exige maturidade e que não descarta a orientação do professor. Nos ambientes colaborativos de aprendizagem, a autonomia se faz com a participação ativa do sujeito que, por sua vez, é orientado pelo professor. Há experiências que mostram que, se o aluno estiver livre e solto para uma atividade a distância, dificilmente seguirá sozinho.

Portanto, quando se fala em autonomia do aluno, está pensando em uma educação que forme o sujeito que saiba pensar, atribuir novo significado às informações que recebe e, principalmente, possa argumentar, produzir conhecimento.

A flexibilização é outro fator importante para a formação da autonomia no aluno, uma vez que através da educação a distância pode-se exigir do aluno uma maior participação no processo educativo, pois ele terá mais independência para gerir seu tempo e conseqüentemente, maior aproveitamento dos recursos oferecidos.

Sendo as comunidades virtuais redes eletrônicas de comunicação interativa, que integram diferentes formas de expressão, dada a sua diversificação, formar um aluno autônomo nesses ambientes significa orientá-lo para a compreensão das

diferentes linguagens e interconexões existentes. Ao interagir com o outro e com as diferentes linguagens, cria-se uma via para a construção do conhecimento.

Cabe ressaltar a importância da participação do aluno nesse processo. Ele deve estar ciente de sua responsabilidade e de sua importância, pois o sucesso de sua aprendizagem estará atrelado a sua capacidade de tomada de decisão e de sua reflexão pessoal quanto aos caminhos que vai percorrer. O processo educativo que tem como centro o aluno, aceito pela maioria dos professores, é muitas vezes somente algo retórico, ou seja, não é visto na prática.

Essa centralidade no aluno não implica somente na introdução de novas tecnologias em sala de aula, mas sim numa reorganização em todo o processo educativo para que as necessidades desse aluno sejam satisfeitas. Essa reorganização, vale ressaltar, não é válida somente para a educação a distância, mas também para o ensino convencional.

As estratégias desenvolvidas devem ser adequadas à clientela, uma vez que o sucesso do processo vai depender em grande parte da maneira como essas estratégias são concebidas. Também a organização dos conteúdos, os materiais que serão utilizados e os meios pelos quais esses materiais serão trabalhados poderão contribuir para o sucesso do processo educativo, desde que haja adequação entre eles. Caso contrário, conforme lembra Belloni (1999, p.102) os materiais poderão ser somente um revestimento moderno a um ensino antigo e inadequado.

O professor em EaD tem papel fundamental na aprendizagem do aluno. Ele deverá exercer o papel de parceiro desse estudante no processo de construção do conhecimento, uma vez que o monólogo de detentor do conhecimento, muitas vezes proferido pelo professor dará lugar a um discurso mais flexível e mais dinâmico que

poderá acontecer através de salas de meios, e-mail, telefone, conversas através de programas de mensagens e outros meios, ou seja, há a necessidade de uma construção coletiva do conhecimento. “da autoridade à parceria no processo de educação para a cidadania” (BELLONI, 1999, p. 83).

Diante do exposto fica evidenciado que a mudança de paradigma afeta todos os envolvidos no processo educativo, uma vez que a postura diante das novas tecnologias que estão inseridas no cenário atual, requerem atores mais autônomos e responsáveis pela construção de seus conhecimentos. Há uma maior delegação de responsabilidade e por conseqüência, uma cobrança maior com relação aos resultados do processo.

No capítulo seguinte serão apresentados os resultados da pesquisa realizada com docentes de língua inglesa que durante sua trajetória profissional realizaram cursos de formação continuada, alguns deles com ênfase em EaD. Nessa pesquisa procurou-se verificar a percepção dos sujeitos da pesquisa quanto as possibilidades pedagógicas proporcionadas pelos cursos de formação continuada.

CAPÍTULO 3 – A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA SOBRE AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DO USO DO COMPUTADOR

Neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa realizada com professores de Inglês que atuam no Ensino Médio de escolas públicas estaduais na cidade de Cubatão e que participaram de cursos de língua inglesa a distância. Para tal foi elaborada uma entrevista semi-estruturada composta de quinze questões que

contemplavam os aspectos concernentes à formação inicial e continuada dos professores de língua inglesa, centrando-se o foco na sua participação em cursos de língua inglesa oferecidos na modalidade a distância.

Para a realização da pesquisa, foram feitas visitas iniciais às escolas, com objetivo de selecionar os participantes da pesquisa, dentre os professores de língua inglesa que haviam participado de cursos a distância e que atuam na rede pública no Ensino Médio (embora alguns dentre os participantes também atuem em escolas particulares).

Foram selecionados quatro professores dentre aqueles que já haviam participado de cursos a distância e cujo anonimato foi preservado. A pesquisa foi realizada em local apropriado e as entrevistas gravadas foram posteriormente transcritas. As respostas dos participantes sobre a formação inicial e continuada, o conhecimento sobre novas tecnologias e participação nos cursos de língua inglesa, na modalidade a distância possibilitou a construção do perfil dos pesquisados.

3.1. Formação inicial: tensão entre teoria e prática

Os participantes da pesquisa são professores do Ensino Médio de Escolas da Rede Pública Estadual da cidade de Cubatão, sendo que um deles atua há 21 anos (Professor 1) e os demais têm, em média, de 06 a 07 anos de atuação, tanto no ensino público municipal e estadual quanto no particular. Dentre esses professores, três fizeram o Curso de Graduação em Letras em universidades particulares na região da Baixada Santista (Santos, Guarujá) e um deles formou-se em uma universidade particular, também na área de Letras, na cidade de São Paulo. Quanto às habilitações, dois participantes têm habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa; os outros dois, além da Língua Portuguesa, têm habilitação em duas línguas

estrangeiras, sendo um em Língua Francesa e outro, em Língua Espanhola. Apesar de terem mais de uma habilitação, optaram pelo ensino de Língua Inglesa no ensino médio.

Professor 1	Universidade particular – Santos Habilitação – Língua Portuguesa, Língua Francesa e Língua Inglesa
Professor 2	Universidade particular – Santos Habilitação - Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Língua Inglesa
Professor 3	Universidade particular – Guarujá Língua Portuguesa e Língua Inglesa
Professor 4	Universidade particular – São Paulo Língua Portuguesa e Língua Inglesa

No que diz respeito à formação inicial, a maioria declarou ter feito, durante a Graduação, cursos paralelos em língua inglesa, seja para acompanhar as aulas do Curso na Universidade, seja para aprofundar conhecimentos.

Eu entrei na faculdade sem ter noção alguma de inglês. Tanto que precisei fazer um curso específico em uma escola de idiomas. Não teria possibilidade de acompanhar a Faculdade sem ter os conhecimentos básicos (Professor 3).

A procura por um curso específico é, às vezes, justificada para aprimoramento dos conhecimentos e, no caso específico da língua estrangeira, os alunos buscam cursos onde haja atividades de interação conversacional, partindo-se do conceito de que aprender uma língua estrangeira é participar de interação social. Isso é justificado pelo número reduzido de alunos por classe, nesses cursos, configurando uma realidade distinta daquela proporcionada pelos cursos de Graduação, seja em relação ao número de alunos por classe, seja em relação à especificidade dos conteúdos ministrados, o que demonstra uma diferenciação percebida nos cursos de idiomas e cujo formato propicia melhor aproveitamento.

O curso de Inglês para mim me deu mais segurança, porque eu tinha uma formação bem básica, me forçava a aprender mais, porque eles

exigiam que nós fizéssemos tudo na parte escrita. Agora na parte oral, se não fosse um curso complementar que eu fiz, eu não me sentiria segura para dar aula. (Professor 1)

Além do aspecto colocado anteriormente, na maioria dos Cursos de Graduação não realiza teste inicial para os alunos de língua estrangeira (*placement test*), pois isso significaria divisão de classes e conseqüente aumento de custos, inclusive de professores para ministrar as aulas.

Disso decorre heterogeneidade no nível de conhecimento dos alunos de língua inglesa, o que dificulta a aprendizagem, seja por parte daqueles que não têm base suficiente, seja em relação aos que detém maior conhecimento na língua. Para o professor universitário, a questão também se coloca, considerando que o currículo prevê conteúdos específicos que, muitas vezes, o aluno não acompanha. As aulas ficam repetitivas para os alunos com conhecimentos mais avançados e extremamente complicada para aqueles que possuem pouco ou nenhum conhecimento de língua inglesa.

Acontece no meu ponto de vista, um desestímulo já na Faculdade com relação ao inglês por conta dessa falta de preparo por parte dos alunos. Se houvesse um critério de seleção dos candidatos mais rígido, como ocorre nos cursos de pós-graduação, esse problema já teria acabado. (Professor 2)

Já com relação às práticas de ensino em língua inglesa, os participantes da pesquisa, em sua maioria, mostraram-se otimistas quanto às possibilidades pedagógicas proporcionadas pelos materiais e métodos oferecidos durante o Curso de Graduação, considerando que os professores buscavam trazer para a sala de aula diferentes modos de organização dos materiais.

De acordo com os participantes da pesquisa, a metodologia de ensino de língua inglesa no Curso de Graduação propiciou conhecimento sobre a realidade educacional do Ensino Médio, tendo os professores o cuidado de preparar o futuro

educador para lidar com os desafios diários, que enfrentariam na prática, como por exemplo, a falta de materiais diversificados, de recursos audiovisuais para estimular o aluno, fazendo com que se interesse mais pelas aulas.

A gente sabe que falta muito, faltam os recursos necessários, recursos audiovisuais porque para você estudar uma língua, principalmente uma língua estrangeira você teria que ter vários recursos para estimular o aluno a se interessar por aquela língua, para fixar mais, porque não é o dia a dia dele, então em língua portuguesa, por exemplo, é o dia a dia dele. Ele tem a televisão, recursos, toda hora usando e no inglês falta isso. Na escola pública aqui em Cubatão, falta isso. (Professor 1)

A ênfase na prática da sala de aula, dentro da concepção de que essa é a melhor forma de aprender como se ensina (“ a faculdade melhor mesmo é a prática”) mostra que, apesar dos conhecimentos que vão se solidificando no transcorrer da formação inicial, o que vai dar maior confiança ao docente é a própria prática pedagógica, as situações vividas no cotidiano da sala de aula, ao longo da trajetória profissional. Outro aspecto observável nas entrevistas realizadas, diz respeito à formação que priorizou o conhecimento da língua inglesa relacionado à cultura do país.

Os professores sempre davam bons toques quanto à postura diante dos alunos, quanto às atividades lúdicas que sempre deveriam fazer parte das aulas e de como era importante que o aspecto da cultura, tanto da Inglaterra quanto dos Estados Unidos sempre fossem trabalhado. Com isso, os alunos teriam uma dimensão do porque aprender inglês. Eu acredito que esse tenha sido um dos aspectos mais relevantes com relação à minha formação. (Professor 4)

A compreensão que os pesquisados demonstraram em relação à formação inicial diz respeito à boa adequação dos conteúdos propostos aos alunos assim como as atividades propostas nas práticas. No entanto, a realidade educacional vivida no cotidiano das escolas, com salas de aula salas lotadas mostra o lado perverso do sistema.

Como ensinar língua estrangeira a um número grande de alunos no ensino médio?

Na fala do entrevistado, pode-se ler a crítica ao sistema educacional, que comporta salas de aula superlotadas, algo que para o ensino de língua inglesa é impensável, tanto do ponto de vista metodológico quanto disciplinar.

O ensino de inglês de qualidade pressupõe, no máximo, quinze alunos em sala, para que todos possam participar ativamente da aula, interagir com os colegas e ter um bom aproveitamento nas atividades propostas. Além disso, o professor precisa estar preparado para trabalhar com atividades diferenciadas, que envolvam as quatro habilidades básicas: falar, escrever, ouvir e compreender. É através dessas atividades que o aluno vai perceber a importância da língua inglesa nas situações reais de uso.

Um aspecto positivo do meu curso de inglês foi que em alguns momentos os professores deram dicas de exercícios utilizando jogos, músicas e outros elementos motivacionais, que de certa forma estavam coerentes com a realidade das nossas salas de aula superlotadas. O professor tem que ser um mágico ... como ensinar inglês para classes com 40, 45 alunos? Isso só acontece no Brasil. (Professor 2)

A essa questão, outras poderiam ser acrescentadas: como educar para a diversidade cultural, para as diferenças lingüísticas, para a compreensão do que significa ser um cidadão planetário? Um dos professores pesquisados referiu-se à dificuldade de trazer para a sala de aula do ensino médio a cultura estrangeira juntamente com o conhecimento da língua.

Eles precisam ter a noção de como é o povo inglês, o povo norte americano. Porque a diferença cultural é grande. Tanto na formação do país, como os Estados Unidos, até a ideologia deles, a maneira de viver deles. É interessante que os alunos vejam a diversidade cultural e isso é difícil de você colocar durante as aulas porque você até coloca para ilustrar, mas, por exemplo, eles acham que é um mundo totalmente diferente do nosso. (Professor 1)

Outro aspecto que emerge da fala dos entrevistados diz respeito à identificação que os entrevistados demonstraram em relação à língua estrangeira. O professor 2 afirmou “só trabalho com a Língua Inglesa, que, aliás, é com a qual eu me identifico mais”, enquanto o Professor 3 afirmou: “A Língua Inglesa me fascina. Sou apaixonada pela cultura, pelos diferentes sotaques.” Lembrando que os dois professores também têm habilitação na língua materna, a opção pela língua inglesa está calcada nos aspectos referentes à identidade e à cultura.

Em relação à identidade, Candau (2002, p.30) faz referência ao conceito polissêmico de identidade que tanto pode “representar o que uma pessoa tem de mais característico ou exclusivo, ao mesmo tempo em que indica que pertencemos ao mesmo grupo”. A identidade com a língua inglesa, referida pelo entrevistado, não parece inseri-los em um grupo com uma cultura específica, porém o conceito por ele utilizado está mais próximo de uma identificação que ele assumiu e que se contrapõe às demais línguas com as quais ele “não se identifica” (português, espanhol, francês).

De modo geral, as respostas dos participantes apontam certa tensão entre a teoria ministrada nos cursos de Graduação de língua estrangeira e a prática vivida no cotidiano da sala de aula.

O aluno da Graduação, no dizer dos entrevistados, procura outros cursos de língua, com objetivo de completar a formação inicial ou ampliar os saberes. No entanto, ao exercer a função de professor de língua inglesa no ensino médio, ele “precisa fazer mágica” para controlar a disciplina na sala de aula e motivar o aluno ao aprendizado da língua estrangeira.

3.2. O ensino de língua inglesa: um impasse?

A grade curricular do ensino médio prevê duas aulas semanais de língua inglesa nos três anos. O número de aulas de língua inglesa ministrado no ensino médio, no dizer de um dos participantes, é insuficiente para a aprendizagem do aluno, considerando que a continuidade dos conteúdos e a prática da oralidade são fundamentais para o aprendizado da língua e para a motivação do aluno.

O que eu percebo no meu aluno é que ele gostaria de falar e quando ele percebe que ele está estudando e não está conseguindo falar, ele se frustra e a gente se frustra também porque aquelas duas aulinhas por semana, isso se der sorte de ter essas aulinhas porque cai feriado, naquela semana não há aula de inglês. Então perde a seqüência. Eles não fixam, não têm como fixar o que eles aprenderam na aula anterior e fica defasado. (Professor 1)

O número reduzido de aulas, as quais muitas vezes caem em feriados ou durante emendas de feriados, ocasiona a interrupção do processo de aprendizagem, o que gera uma frustração generalizada, tanto da parte do professor quando da parte do aluno.

De acordo com as falas dos participantes da pesquisa, a questão da carência de recursos motivacionais e de materiais didáticos adequados para a preparação de uma boa aula de inglês no Ensino Médio é apontada como uma das razões de o aluno estar desmotivado para a aprendizagem da língua inglesa, seguida do fato de a maior parte dos alunos do ensino médio não compreender o significado da inserção da disciplina no currículo.

Mas o governo poderia dar mais apoio, como por exemplo, mandando materiais pedagógicos adequados, dando mais treinamento e fazendo propagandas de incentivo ao estudo do inglês, para que os jovens pudessem ter uma noção da amplitude do que é estudar inglês. Falta incentivo, na minha opinião. (Professor 2)

(...) Além disso, não há material didático fornecido pelo governo, o que dificulta ainda mais o trabalho, já que se eu pedir para eles comprarem um livro de inglês acredito que nenhum vá comprar. (Professor 3)

É curioso observar que as dificuldades da aprendizagem recaem, sob a perspectiva do entrevistado, na falta de material específico que deveria ser distribuído nas escolas pelo governo, considerando que dessa forma haveria melhoria do ensino da língua inglesa.

É interessante observar que nenhum dos entrevistados fez menção ao uso de outros recursos, como a mídia, embora se saiba que tanto a televisão como grande variedade de DVDs são plenamente acessíveis a alunos e professores de todas as áreas do conhecimento.

Quando perguntados sobre como os alunos vêem a língua inglesa, os entrevistados colocaram alguns aspectos que são passíveis de análise, dentre eles:

Os alunos fazem muita bagunça na aula, o que mostra o desinteresse pelo estudo. Mas isso não acontece somente com o inglês. Converso com os meus colegas de trabalho e vejo que isso é um comportamento generalizado. A maioria dos alunos acha que a aula de inglês é uma aula de descanso, um momento de colocar a conversa em dia e ouvir MP3, MP4, tirar fotos com as máquinas do celular, enfim...um encontro de amigos. (Professor 2)

Eles só querem aula com música, aliás, é a única forma de chamar a atenção deles já que é um dos únicos momentos da aula em que eles param de tagarelar. (Professor 3)

Na fala do Professor 2, o alto nível de indisciplina pode ser constatado como uma constante em todas as outras disciplinas do currículo, mas ela fica evidenciada na aula de inglês, já que muitos alunos não percebem a aula de inglês como uma aula séria, com conteúdo.

Essa afirmação, de certa forma, representa uma adequação dos professores à realidade educacional do ensino médio, na qual predomina a indisciplina. Nesse caso, a música passa a ser utilizada como um meio disciplinador, mais do que um recurso pedagógico.

Pode-se perceber em outra fala, que a música também se mostra como uma alternativa para o professor administrar os conflitos que se instauram na sala de aula, uma vez que os alunos se interessam pelas melodias, pelas trilhas sonoras de grandes sucessos do cinema.

A única coisa que chama a atenção é a música. Se você perguntar sobre um grupo de rock ou de filmes como o High School Musical, pode ter certeza que eles sabem as músicas, mesmo sem ter noção do que a letra diz. (Professor 2)

No que diz respeito aos conhecimentos tecnológicos e ao uso da Internet, os participantes afirmaram que se utilizam desse recurso para pesquisar músicas para seus alunos. Quando questionados sobre a utilização de tecnologias na preparação das aulas, alguns entrevistados demonstraram um bom grau de intimidade com os meios tecnológicos e habilidade para utilizá-los.

Já outros demonstraram que não possuem qualquer familiaridade com a tecnologia, pelo fato de não terem contato com tecnologias durante a formação inicial. As respostas, contudo, demonstram que os professores buscam atualizar-se e freqüentam sites educativos com objetivo de buscar informações, seja como complemento das atividades a serem desenvolvidas em sala de aula seja para ampliar seu conhecimento.

Esse aspecto é relevante para este trabalho, considerando a questão das tecnologias na educação. O fato de os participantes da pesquisa considerarem a Internet uma fonte de informações é muito significativo para a compreensão de como os professores do ensino médio estão encarando as possibilidades trazidas pelos meios tecnológicos. Amaral (2003, p.113) chama a atenção para as possibilidades da Internet em relação à experiência social compartilhada. Embora nessa parte da pesquisa os participantes tenham se referido apenas ao uso da

Internet como fonte de conhecimentos, essa questão será retomada quando tratarmos dos ambientes colaborativos de aprendizagem.

Eu uso muito a internet. Para tirar letras de música, sites educativos. Esses sites de escolas de idiomas eu uso muito também. (Professor 1)

Estou sempre visitando sites educacionais como o www.planetaeducacao.com.br nos quais eu consigo dicas de atividades e também me interesso pelos artigos publicados, que abordam questões relativas ao processo de ensino e aprendizagem. (Professor 2)

Eu consulto alguns sites como o www.lyrics.com.br para procurar letras das músicas que eles pedem. Também consulto sites de escolas de idiomas, como a Fisk, a Cultura Inglesa e outras que dão algumas dicas de atividades. Sou assinante da UOL (Universo online) e existe um espaço chamado UOL Educação, onde sempre encontro atividades interessantes, testes de vestibular, alguns exercícios de inglês para o professor treinar a pronúncia e a escrita. (Professor 3)

Eu pesquiso sites de música para selecionar letras, sites de jogos educativos para pegar algumas dicas e de vez em quando eu pego algumas atividades do site e imprimo para levar para a sala de aula. Os alunos gostam muito. (Professor 4)

Um dos entrevistados (Professor 1), apesar de ter afirmado que utiliza muito a internet para obter letras de músicas e atividades lúdicas, num momento inicial da entrevista considerou que, pelo fato de ter se formado em 1986, não teve a oportunidade de conhecer o uso pedagógico das tecnologias. Quando o termo tecnologia foi mencionado na questão, ele não diz respeito somente ao uso do computador associado à Internet, mas também está relacionado a outros recursos como vídeo cassete, retroprojeter, DVD, entre outros.

O fato de esse professor buscar atualização, independentemente de qualquer formação anterior, é bastante significativo e confirma a idéia de que o agente principal do processo de aprendizagem é a própria pessoa, independente da faixa etária.

Analisando-se as falas selecionadas anteriormente, pode-se verificar que os professores entrevistados, em sua maioria, utilizam o computador como fonte de pesquisa para atividades lúdicas e atividades voltadas para a sala de aula. O professor 2 faz uma colocação pertinente quanto ao aspecto motivacional relacionado tanto ao aluno quanto ao professor. Numa ótica que se centraliza na predisposição em aprender e ensinar ele expressa que:

Não é somente a participação do aluno que conta, mas também a predisposição do professor para melhorar sua prática. Os professores sempre esperam alunos super motivados, que aceitem todas as atividades propostas. Nós sabemos que isso não acontece, nem poderia acontecer, pois cada aluno aprende em um ritmo diferente, cada um tem seu próprio percurso de aprendizagem. (Professor 2)

Aqui também cabe um comentário em relação à afirmação deste participante. A menção a ritmos diferentes de aprendizagem dos alunos remete-nos ao conceito de aprendizagem a distância, que, a princípio, busca respeitar o ritmo de cada um. Além disso, revela que os professores, em sua maioria, possuem um grau de exigência muito grande com relação a seus alunos, mas nem sempre estão predispostos a melhorar sua prática.

É interessante observar como, entre professores do Ensino Médio há posições contrárias quanto ao uso das tecnologias em sala de aula. A não aceitação ou a negação da inserção das tecnologias na educação, levando-se em conta que muitas vezes elas se mostram como um desafio intransponível ao professor, é vista por alguns como um fator que gera a desmotivação e a desvalorização dos docentes de língua inglesa.

Alguns colegas comentam que o uso das tecnologias não muda em nada a visão que os alunos têm com relação à língua inglesa. Não acredito nisso. A partir do momento que o aluno percebe o interesse

de seu professor, ele vai valorizá-lo e passará a dar maior importância ao que está sendo trabalhado. (Professor 2)

Quando questionados sobre o grau utilização do computador por parte dos alunos, os professores responderam afirmativamente. Houve diferenças, no entanto, ao nível de acesso, dependendo da classe social, fator esse que demonstra que quanto maior nível sócio-econômico dos discentes, maior o contato e familiaridade com o computador.

Especialmente na escola em que eu trabalho, os alunos são de classe média e a maioria possui computador. Alguns poucos que não têm, vão às Lan Houses que ficam perto da escola e passam bastante tempo lá “teclando com os amigos” (Professor 2)

Muitos não têm computador, nem dinheiro para freqüentar as Lan Houses. Eles são muito carentes. A escola possui uma sala de informática, mas o acesso é muito restrito e há somente dez computadores, o que impossibilitaria uma classe com 40 ou 45 alunos de fazer qualquer tipo de atividade. Viraria uma bagunça sem precedentes. (Professor 1)

A questão proposta intencionava abordar não somente o aspecto do acesso ao computador, mas também a forma como aos alunos lidam com as possibilidades pedagógicas que podem ser proporcionadas pela ferramenta, ou seja, a maneira como o aluno pode utilizar o computador como uma poderosa ferramenta de pesquisa educacional.

De vez em quando eu peço para os alunos prepararem pesquisas sobre as datas comemorativas mais importantes nos Estados Unidos e Inglaterra, para que eles tenham algumas noções sobre cultura e possam estabelecer comparações com a cultura brasileira. Eles trazem trabalhos sem nexo, do tipo recorta do site e cola na folha em branco. Eu peço para que eles façam uma exposição oral dos resultados e aí eu vejo que eles nem ao menos leram o que estava na folha. Isso é vergonhoso. (Professor 3)

Analisando-se o exposto, é visível que os alunos mencionados não possuem familiaridade com a ferramenta e não analisam os dados encontrados na internet. Isso pode ser decorrente da inabilidade ou na falta de preparação para a realização de pesquisa com base na internet.

3.3. Em busca dos saberes tecnológicos

Nessa parte da entrevista, foram apresentadas aos docentes, questões relacionadas à formação específica nas tecnologias, em que os aspectos relativos à motivação e ao interesse por cursos de aperfeiçoamento foram salientados, considerando a importância de terem experiência em cursos a distância e vivência em ambientes virtuais de aprendizagem.

Observou-se, entre os entrevistados, uma visão positiva quanto aos cursos realizados na modalidade a distância, o que denota uma preocupação com a aquisição de conhecimentos do professor de inglês no contexto da escola pública atual.

A justificativa para a realização dos cursos está na necessidade de compreender melhor alguns problemas que se apresentavam no cotidiano escolar vivenciado pelo professor. O entendimento das situações que emergem dentro do âmbito escolar pode ser um dos motivos mais relevantes pelo interesse em estar sempre em constante processo de crescimento profissional.

Eu também fiz um curso de leitura e interpretação de textos escritos em inglês, oferecido por uma escola de idiomas em Santos. No início eu não senti a necessidade de fazer um curso de aperfeiçoamento. Tinha acabado a faculdade e achava que já havia estudado o suficiente. Ao observar que os meus colegas de trabalho estavam sempre comentando sobre os cursos que haviam feito, foi surgindo uma enorme vontade de voltar a estudar. (Professor 3)

Na fala do professor, os comentários dos colegas de trabalho serviram de motivação para a realização do curso e acabaram por mudar a visão um tanto quanto equivocada de que após a faculdade já se estudou o suficiente. Enquanto há alguns anos considerava-se que o profissional já estava formado a partir de sua titulação, hoje esse conceito modificou-se, prevalecendo a orientação segundo a qual a formação se faz durante toda a vida.

A mudança de postura dos educadores frente à necessidade de novos conhecimentos, seja para aprimoramento dos saberes já adquiridos, seja para conhecer novas técnicas é reveladora de que os professores não estão parados no tempo e estão conscientes de seus papéis dentro da escola e da sociedade em que vivem.

Fiz um curso em prática de ensino de língua inglesa, que foi muito bom. Eu pude melhorar as minhas técnicas de ensino e me atualizar quanto às novas metodologias. Eu acredito que os cursos após a faculdade são muito importantes, pois você não se afasta do meio acadêmico, conhece novas pessoas, troca experiências e fica atualizado. (Professor 4)

Não se afastar do meio acadêmico significa reconhecer que os conhecimentos adquiridos com as pesquisas divulgadas no meio acadêmico possibilitam ao professor adquirir novos conhecimentos.

É interessante observar que os cursos presenciais são colocados em primeiro plano na fala dos entrevistados, possivelmente pelo fato de os participantes não terem conhecimento desses cursos ou ainda pelo fato de não haver tanta oferta de cursos de inglês na modalidade a distância.

(...) Além disso, eu também fiz alguns cursos a distância, muito interessantes, pois ao contrário do que muitas pessoas pensam, eles

são bem mais “puxados” do que os cursos presenciais. Eu senti que estava sendo mais responsável pelo que estava aprendendo, sem aquela dependência do professor no curso presencial. Havia prazos de entrega de atividades, o apoio de um tutor e também a cobrança por desempenho, o que nem sempre acontece nos cursos presenciais. (Professor 2)

Dessa fala, depreende-se que com a vivência em cursos virtuais, a comparação com o presencial se faz de imediato e, a considerar os aspectos apontados pelo entrevistado a respeito dos cursos a distância, tem-se uma visão bastante positiva. O fato de o professor considerar o curso a distância “mais puxado” significa que esse tipo de curso possui um cronograma que, dificilmente é modificado e cabe ao aluno acompanhar o cronograma das atividades que incluem leitura, reflexão sobre o que se leu, discussão com os colegas, elaboração de atividades. Na fala do entrevistado, observa-se uma comparação na qual o ensino presencial é tido como “mais flexível” do que aquele na modalidade a distância.

Outro aspecto diz respeito à “dependência” do professor, ao desenvolvimento da autonomia do aluno, considerando que nos cursos a distância, muitas vezes, há um tutor que tira as dúvidas dos alunos.

A educação a distância tem como base uma nova postura do professor e do aluno nessa modalidade de ensino. Segundo Belloni (2003) uma das questões mais diretamente relacionadas com as inovações tecnológicas, é a questão do papel do professor, que se coloca em uma posição de aprendiz junto aos alunos.

Quando questionados quanto a relevância dos cursos oferecidos pelos órgãos públicos com relação a uma formação plena, os entrevistados se posicionaram favoravelmente, contudo observou-se que ainda existe a carência de cursos com ênfase em outros aspectos da Língua Inglesa, não somente aqueles vinculados ao aperfeiçoamento lingüístico

Porque eu acredito na formação continuada. Todo esforço em tentar melhorar a prática é válido. Tem que haver interesse por parte dos professores e um empenho para que os conhecimentos construídos possam ser aproveitados pelos alunos. (Professor 4)

Muitos professores não aproveitam a chance de fazer um curso por conta da carga horária que têm que assumir. Eu conheço colegas que trabalham em dois, três períodos, o que impossibilita a realização de cursos de aperfeiçoamento, mesmo aqueles que são oferecidos a distância. (Professor 3)

É uma tentativa de despertar no professor a vontade de se aperfeiçoar, de ter perspectivas. É um investimento que tem um retorno garantido. A partir do momento em que os professores se sentem mais preparados eles vão, em consequência disso, ficar mais motivados para ensinar. O Estado tem oferecido bons cursos, mas ainda faltam aqueles voltados para a Língua Inglesa que precisam estar além do aperfeiçoamento lingüístico como é o caso do *Interaction Teachers*. (Professor 2)

Nas falas acima um aspecto merece atenção especial: a questão da carga horária de trabalho de muitos professores é muitas vezes uma barreira para a formação em serviço. Normalmente os cursos são oferecidos num horário que não se adequa ao pretendido pelo professor. Contudo, os participantes reconhecem a importância dos cursos que estão sendo oferecidos na modalidade a distância aos professores do ensino médio e que possibilitam vivenciar as ferramentas tecnológicas.

3.4. As possibilidades pedagógicas oferecidas em curso de língua inglesa a distância: as ferramentas tecnológicas

Um dos entrevistados mencionou o Curso *Interaction Teachers*, curso que é oferecido aos professores de língua inglesa da Rede Estadual de Educação, cujo objetivo é o aperfeiçoamento lingüístico dos professores. A metodologia do software utilizado no curso prevê que, a partir de situações do cotidiano, o professor possa

discutir questões que vão desde os significados culturais ao vocabulário e a conteúdos gramaticais.

Vale salientar que o curso mencionado nesta pesquisa (*Interaction Teachers*) não deve ser considerado como o único meio de formação para os docentes, uma vez que é somente um exemplo de curso a distância para aperfeiçoamento lingüístico. Como o curso havia sido realizado pelos docentes entrevistados e emergiu em suas entrevistas, optou-se por analisá-lo mais profundamente.

Os professores que participam do referido curso recebem o software e podem utilizá-lo em suas residências e também na escola com os alunos, de modo a recriar situações, considerando que a concepção pedagógica do software pressupõe a presença de um professor que orienta o aluno.

Um dos aspectos destacados nas entrevistas diz respeito ao envolvimento entre os participantes do curso possibilita, nas atividades síncronas e assíncronas. Pelo fato de ser um curso a distância e apresentar certa flexibilidade em relação aos horários de participação dos alunos, exigiu que estes acompanhassem o cronograma de atividades e realizassem avaliações semanais.

Ao serem indagados sobre sua participação em cursos de inglês na modalidade a distância, os entrevistados destacaram alguns aspectos: formato do curso; utilização das ferramentas; avaliação contínua; ambiente colaborativo de aprendizagem; interação.

O formato previa três módulos, a saber:

- *Intro*: módulo com ênfase nos conhecimentos básicos da língua Inglesa, cujos conteúdos contemplavam aspectos referentes aos cumprimentos (*greetings*), pronomes pessoais, tempo presente (verbo *to be*) e expressões de uso cotidiano simples (voltadas para comunicação oral);

- *Middle*: módulo intermediário com ênfase em tempos verbais mais complexos (*Past Simple, Simple Future, Present Continuous e Past Continuous*), vocabulário de nível médio, sobre transportes, profissões, escola e comidas.
- *Senior*: módulo direcionado para a aplicação dos conteúdos estudados nos módulos anteriores, com maior engajamento do vocabulário em situações reais de uso. Expressões idiomáticas de uso cotidiano.

O acesso ao ambiente virtual do curso é feito através de login e senha, sendo, portanto restrito aos alunos inscritos, que inicialmente davam informações para o cadastro. O aluno tinha total liberdade para fazer o *download* do material disponibilizado no site para uso posterior nas atividades do curso ou para utilização em sala de aula.

Esse aspecto foi de suma importância para os educadores participantes do curso, uma vez que o disponibilizado poderia ser utilizado em sala de aula como material de apoio às aulas e adaptado pelo professor de acordo com o nível de aprendizagem dos alunos.

As atividades semanais envolveram *online tests*, cujo objetivo principal era verificar o grau de aproveitamento do aluno e identificar eventuais dificuldades. Havia um monitoramento por parte da central de gestão operacional do curso, que observava os testes realizados.

Eu gostei do curso. Ele tem um bom formato e atende às necessidades de formação dos professores da Rede Estadual, pois muitos estão despreparados para encarar a sala de aula, por conta de problemas de formação (Professor 2).

A percepção de um dos entrevistados em relação à forma como os conteúdos eram apresentados mostra que nem todos estão deslumbrados apenas com o que as

tecnologias oferecem. A questão relativa ao ensino da língua relacionada ao aspecto cultural foi mencionada por um dos entrevistados em relação ao curso a distância.

Eu, particularmente, acho que os conteúdos do curso contemplam os vários aspectos da língua inglesa, mas mesmo assim, ainda falta a abordagem cultural da língua, pois quando se estuda uma língua estrangeira é necessário que se estude a cultura e os costumes do país ou dos países que utilizam a língua como materna (Professor 3)

Entre os pontos que os participantes consideraram relevantes foi citada a metodologia e os materiais oferecidos, especificamente o CD-ROM. Também o fato de poder interagir com os professores, vistos por um dos participantes como “extremamente atenciosos”, foi considerado positivo. Essa experiência modificou, no dizer de uma das participantes, sua forma de agir em sala de aula.

O material que eles disponibilizam é muito interessante e cada vez mais, eu me sinto motivada a estudar. Eu sou nova na Rede e acho que todos os professores deveriam fazer esse tipo de curso oferecido pela SEE. Eu espero que a mentalidade dos alunos se modifique um dia. Tenho a esperança de que eles vão se interessar pelo estudo da língua inglesa da mesma forma como se dedicam ao português. (Professor 2)

Quanto ao uso das ferramentas tecnológicas oferecidas pelo ambiente virtual do curso, foram mencionadas atividades realizadas no fórum e no chat. No chat, professores especializados ficavam disponíveis aos alunos, auxiliando-os na execução dos exercícios propostos, numa espécie de plantão de dúvidas em tempo real, o que possibilitava uma melhor interação.

No fórum, os professores tinham a oportunidade de expor suas concepções com relação ao curso, ao conteúdo dos módulos e também com relação ao nível de satisfação quanto a ele. A maioria dos participantes participou das atividades propostas e teve oportunidade de experimentar o uso das ferramentas oferecidas pelo ambiente virtual de aprendizagem.

No curso a distância sobre projetos, que realizei em 2006, tive a oportunidade de participar de chats, fóruns e de me posicionar enquanto aluna, sem aquela passividade dos cursos presenciais. As atividades programadas eram interessantes. (Professor 2)

A participação em chats e fóruns previa a participação do aluno em atividades síncronas e assíncronas e, no caso do entrevistado, pode-se observar a inevitável comparação com o ensino presencial. Se, no ensino presencial, o aluno pode ser passivo – e isso dependerá do professor – no ensino a distância não existe o aluno passivo, considerando que há atividades individuais e em grupos que são realizadas de acordo com o cronograma previamente estabelecido.

Quanto à avaliação, ela era realizada semanalmente on line e o fato de ser semanal foi considerado um aspecto negativo. Muitos dos participantes consideram as avaliações cansativas, mecânicas e “não despertam o interesse em aprender Inglês, pois reproduzem exatamente as características da escola tecnicista”. Essa percepção da professora é relevante para uma reflexão sobre o desenho de um curso a distância, cuja avaliação também é prevista.

A parte chata são as avaliações semanais. Não tenho tempo para realizá-las dentro do prazo estabelecido, e então o tutor começa a me mandar e-mails cobrando os meus acessos, questionando o meu desempenho no curso. Eu achava que os cursos a distância tivessem maior flexibilidade de horário, mas vejo que quase não são diferentes dos cursos normais. (Professor 4)

A presença constante do tutor que tem, muitas vezes, a função de “cobrar” as atividades de que o aluno não participou ou ainda fazer com que ele se manifeste em relação às suas dificuldades é vista, muitas vezes, de forma negativa pelos participantes do curso, principalmente por aqueles que estão se iniciando em cursos na modalidade a distância.

No que se refere ao ambiente colaborativo, os participantes declaram ter participado das atividades propostas e, principalmente, de ter recebido respostas dos tutores quanto às dificuldades apresentadas. O fato de terem um professor on-line para sanar dúvidas chamou a atenção dos participantes e foi considerado como fator positivo.

O fato dos professores participantes da pesquisa observarem as diferenças existentes entre o ensino presencial e o virtual contribuiu para uma reflexão sobre o que significa ser professor no ensino presencial.

Acho que esses cursos além de serem de aperfeiçoamento, também deveriam servir como um parâmetro de avaliação da atuação dos professores. Mas se fosse dessa forma, muitos ficariam sem emprego. Eu conheço professores que falam que dar aula de inglês é bem mais fácil do que de português. Legal você estar fazendo essa pesquisa, pois assim as pessoas tomarão conhecimento de cursos como esse e da importância deles para a formação continuada. (Professor 3) .

O aspecto referente à formação continuada é fundamental para se avaliar a forma como o entrevistado analisou sua participação no curso e a dos demais colegas. A formação contínua surge como uma possibilidade de reflexão sobre a prática e também sobre sua formação. Falsarella (2004, p.50) destaca alguns aspectos da formação continuada, entendida como “prática social de educação que mobiliza todas as possibilidades e saberes dos profissionais envolvidos”. São eles, no ver da autora:

- Valorização do conhecimento docente e dos saberes profissionais presentes no cotidiano escolar;
- O local de trabalho como a base do processo;

- A consideração das vivências e da experiência profissional construída pelo professor;
- Articulação com o projeto da escola;
- As especificidades da instituição escolar e da comunidade.

No caso dos entrevistados, entre as dificuldades apontadas em relação ao curso, uma delas diz respeito ao acompanhamento do curso, pelo fato de não ter computador em casa e não poder acessar a Internet constantemente. Esse aspecto merece atenção no que se refere à oferta de cursos aos professores do ensino médio e as condições da escola. Considerando que a realização desses cursos ocorre fora do expediente de trabalho, na maioria das vezes, também a escola não dispõe de computadores para uso exclusivo dos professores.

No caso da professora entrevistada, esta declarou ter recorrido à irmã, para poder realizar as atividades previstas semanalmente no curso. No entanto, os aspectos positivos predominam na fala dos entrevistados que fizeram referência à utilização das práticas oferecidas no curso em suas aulas, afirmando que o curso propiciou a utilização de atividades com os alunos no website do curso. Outras considerações também foram feitas.

Minhas aulas estão mais interessantes do ponto de vista da metodologia que eu uso, já que agora estou instrumentalizada para trabalhar de diferentes formas com os meus alunos, especialmente aqueles das quinta séries, que estão iniciando seus estudos de Inglês. (Professor 2)

Eu utilizo bastante os workbooks (livros de exercícios) para retirar exercícios para meus alunos. (pausa) Atividades novas e que exploram na maior parte das vezes somente os aspectos

gramaticais...mas que são úteis para que os alunos fiquem mais concentrados na aula. (Professor 4)

Eu estou modificando minha forma de ensinar, colocando mais atividades lúdicas, músicas e aspectos da cultura dos países que falam a língua inglesa. Eu pretendo continuar o curso para que eu me aperfeiçoe cada vez mais e possa dar melhores aulas. Espero que eu proporcione aos meus alunos um ensino de qualidade. (Professor 2)

Estou me sentindo mais segura para tirar dúvidas, explorar mais o livro didático, além de outros recursos que passei a utilizar, como o rádio gravador, o retro projetor, o aparelho de DVD e o vídeo. (Professor 4)

As considerações feitas pelos participantes nos levam a pensar na importância da educação a distância como contribuição para o professor refletir sobre as práticas no ensino presencial. Se tomarmos um dos depoimentos dos participantes em relação à utilização de recursos musicais ou vídeos nas aulas, veremos que essas atividades não são inovadoras, contudo, quando apresentadas em um curso a distância podem adquirir novos significados no ensino presencial.

Também em relação ao aspecto cultural da língua estrangeira, esse é outro dado que geralmente está presente nos cursos presenciais, mas que acabam por ser eliminados dos conteúdos nos cursos a distância.

Na faculdade, o inglês era muito técnico, voltado mesmo para a sala de aula, com muitos exercícios escritos e de compreensão auditiva, sem muita preocupação com os aspectos lúdicos, tão valorizados hoje em dia. Eu percebo que o que motiva os alunos é justamente isso: música, filmes, coisas que façam parte do universo deles. Eu fiz um bom curso de inglês, mas acredito que se eu tivesse me esforçado um pouco mais, teria aproveitado melhor. Na época eu trabalhava em dois períodos e estudava inglês na minha noite de folga. Imagine como era desgastante. Mas com o curso pude acompanhar melhor as aulas da faculdade e isso foi muito bom. Eu acho que todo aluno deve ter uma preparação antes de começar o curso de Letras, caso contrário correrá o risco de ficar “boiando” nas aulas de Inglês. (Professor 1)

Outro aspecto que chamou a atenção na fala das professoras diz respeito aos novos saberes adquiridos com o curso e na importância da educação continuada. Perguntados sobre sua percepção em relação ao curso, os entrevistados abordaram várias questões que vão desde a avaliação do curso como um todo às dificuldades por eles encontradas na realização das atividades e até quanto ao acesso ao curso. De modo geral, consideram positiva a realização do curso que, no dizer dos participantes possibilitou:

- aprofundar conhecimentos da língua inglesa,
- rever conteúdos;
- aperfeiçoar a pronúncia;
- utilizar o site para consultas;
- Interagir com professores on line.

Diante desse resultado, pode-se dizer que, no caso dos participantes, trata-se de professores que procuram atualizar-se e buscam conhecer outras práticas. Contudo, não se pode estender esse resultado à grande maioria de professores, muitos dos quais estão bem distante da realidade dos entrevistados.

Observou-se através desta pesquisa que os docentes perceberam uma mudança em sua prática pedagógica a partir dos cursos que realizaram, tanto aqueles presenciais, quanto na modalidade a distância, o que prova que quando existe a preocupação e o investimento em formação continuada, o retorno é positivo e os maiores beneficiados serão, por conseguinte, os educandos, que terão a oportunidade de construir seu conhecimento numa base sólida, que se preocupa com cada estágio de formação.

CONSIDERAÇÕES

O uso das tecnologias na educação, tema esse desenvolvido no corpo deste trabalho, retoma o uso do computador como uma ferramenta de apoio ao educador na percepção de professores de Língua Inglesa do ensino médio que participaram de cursos a distância.

O fato de ser professora de Língua Inglesa em escolas públicas motivou-me a realizar esta pesquisa. A experiência inicial com alunos do curso de Inglês, utilizando ferramentas de ensino a distância também contribuiu para acentuar a questão que investiguei, assim como a minha participação no curso de língua inglesa a distância. Uma das questões que emergiram deste trabalho diz respeito à forma como os professores viram-se como participantes do processo de formação continuada oferecido aos professores do ensino público.

Ao exercer o papel de alunos no curso a distância, alguns foram claros ao mencionar suas próprias dificuldades em relação à língua inglesa, tanto em relação à pronúncia quanto em relação ao conhecimento da gramática. Embora essa questão não fosse objeto deste trabalho pois envolve aspectos da formação inicial, a menção a essas dificuldades mostra que os professores estão buscando, nos cursos de formação continuada, suprir falhas na sua formação.

Porém as referências à dificuldade quanto ao uso das tecnologias foram poucas, considerando que os tutoriais do curso continham as informações ao acesso às atividades e os professores estavam presentes para dirimir as dúvidas. O fato de terem considerado o curso como um elemento motivador para mudança na prática da sala de aula é também algo que precisa ser considerado, levando-se em conta a realidade da escola hoje e, mais especificamente, a realidade do professor de inglês da escola pública.

A identificação com a Língua Inglesa também emergiu das respostas dos entrevistados, fator esse que denota a questão de vínculo afetivo relacionado à motivação para o estudo de uma língua estrangeira em curso a distância. Os critérios da escolha dos professores para a participação nesta pesquisa (formação em língua inglesa, tempo de atuação no magistério e participação em cursos na modalidade a distância) possibilitaram maior precisão na análise dos dados, levando-se em conta o conjunto das respostas.

Diante da pesquisa realizada, que propõe como objetivo a percepção dos professores sobre as possibilidades pedagógicas proporcionadas pelas tecnologias educacionais, pude perceber que os professores de língua inglesa do Ensino Médio, mesmo diante dos desafios que vivenciam no dia a dia da sala de aula, estão investindo em cursos de formação continuada, com vistas à auto formação e à melhoria do ensino, como um todo.

Os resultados apresentados demonstram que os professores entrevistados, desde o curso de graduação, já percebiam a necessidade de complementação e de aprofundamento na Língua Inglesa, seja em relação a conteúdos, seja em relação à prática docente.

Além disso, a realidade educacional do Ensino Médio requer professores preparados para lidar com os desafios que se apresentam no cotidiano escolar e muitos desses desafios vão além da parte cognitiva e envolvem, muitas vezes, aspectos relativos à questão disciplinar.

A não dissociação da língua estrangeira dos aspectos culturais foi outro fator que chamou atenção na pesquisa, uma vez que aprender uma língua estrangeira envolve múltiplos aspectos, que vão desde a estrutura de funcionamento da língua, das expressões idiomáticas de uso cotidiano, os aspectos lingüísticos e também os

aspectos gramaticais. As questões culturais e que envolvem a diversidade cultural entre os diferentes países de Língua Inglesa e como essas diferenças são percebidas pelos alunos do ensino médio foram mencionadas pelos participantes da pesquisa, o que denota uma preocupação com a contextualização do ensino de língua inglesa e com a aprendizagem de seus alunos.

Um dos fatores que tiveram maior recorrência durante a pesquisa diz respeito à questão motivacional que requer não só a habilidade do professor para ministrar sua aula, mas pressupõe também a disponibilização de materiais didáticos que possibilitem uma melhor aprendizagem.

A falta dos equipamentos para uso de professores e alunos, assim como o despreparo do professor para a utilização das tecnologias, em uma época em que as transformações na sociedade ocorrem de forma vertiginosa podem levar a um descompasso da escola em relação às exigências dos novos saberes tecnológicos. A falta de recursos e de materiais didáticos de língua inglesa pode ser vista pelo aluno como um impedimento para mudança de atitude com relação à aprendizagem da língua estrangeira, e, assim, reitera-se o senso comum de que nada se aprende no Ensino Médio.

No que tange o uso das tecnologias, os entrevistados se mostraram familiarizados com as ferramentas e as utilizam na pesquisa e na preparação das aulas, o que é extremamente relevante, visto que a inserção das novas tecnologias propõe atitudes que ultrapassam os limites da mera transmissão de conhecimentos.

Hoje, exige-se do profissional conhecimento teórico e prático, além de capacidade analítica e crítica. A realidade, porém mostra que os professores da escola pública são levados a realizar os cursos oferecidos pelas Secretarias de Educação e, na maioria das vezes, essas escolas possuem ínfimas condições de infra-estrutura.

Os participantes da pesquisa mencionam esse fato e dessas respostas emerge uma grande contradição entre a realidade da escola e aquela oferecida nos ambientes virtuais de aprendizagem que não são, na maioria das vezes, reproduzidos nos raros laboratórios de que as escolas dispõem.

Das respostas dos participantes, deduz-se que, se o conhecimento obtido com as ferramentas tecnológicas não pode ser aplicado de imediato, devido à falta de recursos oferecidos pela escola, esse conhecimento possibilitou aos pesquisados repensar sua prática e incorporar novos saberes advindos dessa experiência de ensino a distância.

Este é o verdadeiro desafio que os professores de língua inglesa do Ensino Médio enfrentam, considerando as necessidades presentes no cotidiano de suas aulas e as possibilidades vislumbradas com o uso das tecnologias educacionais, vistas por muitos como o sonho possível, de que fala Paulo Freire:

Em primeiro lugar, eu diria que só a possibilidade de dizer que é impossível torna possível o impossível. Vou tentar explicar isso – ficou muito abstrato. O que eu quero dizer é o seguinte: só o ser que se tornou, através de sua longa experiência no mundo, capaz de significar o mundo é capaz de mudar o mundo e é incapaz de não mudar. E este ser é exatamente a mulher e o homem. (FREIRE, 2001,p.168)

REFERÊNCIAS

- ALAVA, Séraphin. Os paradoxos de um debate. *Ciberespaço e formações abertas*. São Paulo: Artmed, 2002.
- AMARAL, Sergio Ferreira do. As novas tecnologias nos padrões de percepção da realidade. In SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). *A Leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- BARKER, J. *Paradigms: The business of discovering the future*, New York: Harper, 1992.
- BELLONI, Maria Luiza. *Educação a Distância*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- CANDAU, Vera Maria (org). *Sociedade, educação e Cultura(s): Questões propostas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- CYSNEIROS, Paulo Gileno. Programa Nacional de Informática na Educação: Novas tecnologias, velhas estruturas. In BARRETO, Raquel Goulart et alii. *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartel, 2001.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa e Informação Qualitativa*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2004.
- DIEUZEIDE, H. *Les nouvelles Technologies*. Paris: Nathan/UNESCO, 1994.
- FALSARELLA, Ana Maria. *Formação continuada e prática de sala de aula: os efeitos da formação continuada na atuação do professor*. Campinas SP: Autores Associados, 2004.
- FIorentini, Leda Maria Rangel, MORAES, Raquel de Almeida Moraes (orgs.). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: editora UNESO, 2001.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987.
- KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias no ensino presencial e a distância*. Campinas: Papirus, 2003.
- MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. MORAN, José Manuel; MASETTO, MARCOS T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2001.
- MORAES, Maria Cândida (Org.) Tecendo a rede, mas com que paradigma? In *Educação a Distância: fundamentos e práticas*. Campinas: Nied, 2002.
- MORAES, Raquel de Almeida. *Informática na Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NEVES, José Luís. *Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades*. Caderno de Pesquisas em Administração. v. 1, No 3, 2º sem/1996.

ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. *O problema da Pesquisa em Educação e algumas de suas implicações*. In: Educação Hoje, n.2. São Paulo: Brasiliense, s.d.

ORTIZ, Renato. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

QUEIROZ, Maria Teresa Sokolowski. Desafios à educação num mundo globalizado. In *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*. Política e Gestão da Educação.v.19, n.1,p-119-130, jan/jun 2003.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). *A entrevista na pesquisa em Educação: Prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

VALENTE, José Armando (org.). *Mudanças na Sociedade, Mudanças na Educação: o fazer e o compreender. O computador na Sociedade do Conhecimento*. Campinas: Nield, 1999.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas,SP: Papirus, 2002.

ANEXOS

ENTREVISTA SEM-ESTRUTURADA COM PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO MÉDIO

1. ROTEIRO DA ENTREVISTA

I- PERFIL DO PROFISSIONAL: formação

1. Fale-me um pouco sobre sua formação, a universidade em que estudou (pública, particular), a habilitação.
2. Como foi seu curso de língua inglesa? Quais os aspectos relevantes do curso em relação à sua formação?
3. Você teve conhecimentos de tecnologias durante o curso? Quais?

II – ATUAÇÃO

4. Fale-me sobre sua atuação profissional. Há quanto tempo está formado e há quanto tempo está atuando no magistério? Atua em escolas públicas e particulares? Há quanto tempo você atua na Rede Pública?
5. O que significa, para você, ser professor de inglês hoje, na escola pública. E na particular?
6. Quais os desafios que se apresentam ao professor de inglês hoje?
7. Como os seus alunos consideram a Língua Inglesa? E o ensino de inglês?
8. Você costuma pesquisar ou usar tecnologias para preparar suas aulas? Visita sites? Quais?
9. Seus alunos utilizam computador?

III – FORMAÇÃO CONTÍNUA/ AUTO-FORMAÇÃO

Fale-me sobre a formação contínua.

10. Você fez cursos de aperfeiçoamento? Que tipo de curso (extensão, especialização, pós-graduação). Fale sobre esses cursos e os motivos que o levaram a dar continuidade à sua formação.
11. Esses cursos foram oferecidos a distância? Como foi sua participação nesses cursos? Como era o ambiente virtual?

12. Fale sobre a participação no chat, no fórum, nas aulas
13. O curso de formação continuada oferecido pelos órgãos públicos oferece subsídios necessários para uma formação plena? Por quê?
14. O que significa, para você, o uso das tecnologias na Educação e, especificamente, para o professor de língua inglesa?
15. Gostaria de acrescentar algo em relação a esta pesquisa?

2. RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Professor 1 – Graduado em Letras, pela Universidade Católica de Santos, há 21 anos. Atua no ensino médio desde 1998.

E: Vamos falar um pouco sobre a sua formação, a universidade onde você estudou, se era pública ou particular e a sua habilitação.

P: Eu estudei na Unisantos, na cidade de Santos, uma universidade particular e cursei Letras e fiz vários de extensão, vários de extensão, não de pós-graduação. Tanto em Francês e Inglês, como em Literatura e Língua Portuguesa. Mas tudo, assim, em nível de curso de extensão, né? Eu fiz um curso na Aliança Francesa, também, um curso intensivo e mas, eu acho que a faculdade melhor mesmo é a prática, porque na parte de fazer o, é, você exercer o magistério, muita coisa que você aprende na teoria é, não, é para você, para a sua formação, mas a prática você aprende como lidar, técnicas, vai descobrindo só com o tempo na prática que você vai descobrindo a maneira mais adequada de lidar com cada caso.

E: Fale-me um pouco sobre o seu curso de Língua Inglesa. Quais foram os aspectos relevantes do curso em relação à sua formação?

P: O curso de Inglês para mim me deu mais segurança, né, porque eu tinha uma formação bem básica, me forçava a aprender mais, porque eles exigiam que nós fizéssemos tudo na parte escrita. Agora na parte oral, se não fosse um curso complementar que eu fiz, eu não me sentiria segura para dar aula, né? Por que a gente tem que saber muitas coisas, para poder passar o suficiente. Não tive prática, uso da tecnologia no curso. Nessa parte nem laboratório de línguas para que eu pudesse aprender. Eu me formei em 1986, então não tive oportunidade de me

interar das tecnologias. Eu conheço colegas que usam o retroprojektor. Eu não sei usá-lo. Não costumo usar tecnologia nas minhas aulas. Eu estou formada há vinte e um anos. De lá para cá nunca parei de exercer o magistério. Eu comecei no Estado porque eu passei num concurso e eu já ingressei. Depois entrei na Prefeitura de Cubatão, também por concurso. Antes eu dava aula particular de português e inglês em casa e cheguei a dar aula em uma escola particular em Santos que inclusive fechou. Uma escola no Gonzaga.

E: Como é ser professora de Inglês hoje?

P: A gente sabe que falta muito, faltam os recursos necessários, recursos audiovisuais porque para você estudar uma língua, principalmente uma língua estrangeira você teria que ter vários recursos para estimular o aluno a se interessar por aquela língua, para fixar mais, porque não é o dia a dia dele, então em língua portuguesa, por exemplo, é o dia a dia dele. Ele tem a televisão, recursos, toda hora usando e no inglês falta isso. Na escola pública aqui em Cubatão, falta isso.

E: Quais são os desafios que você encontra na sua prática docente hoje?

P: Olha, o desafio é você, que eu vejo no ensino da Língua Inglesa é você trazer o aluno para a cultura, não é só a língua, é a cultura também. Eles precisam ter a noção de como é o povo inglês, o povo norte americano. Porque a diferença cultural é grande. Tanto na formação do país, como os Estados Unidos, até a ideologia deles, a maneira de viver deles. É interessante que os alunos vejam a diversidade cultural e isso é difícil de você colocar durante as aulas porque você até coloca para ilustrar, mas, por exemplo, eles acham que é um mundo totalmente diferente do nosso. Mas existe a influência que pode ser vista na nossa cultura. Os nomes das pessoas, como nos nomes de grifes, o nome de vários esportes. Só que eles (os alunos) não se dão conta de que essa influência ela veio forte, como um colonizador em cima do colonizado.

E: Como os seus alunos vêem a língua inglesa?

P: O que eu percebo no meu aluno é que ele gostaria de falar e quando ele percebe que ele está estudando e não está conseguindo falar, ele se frustra e a gente se frustra também porque aquelas duas aulinhas por semana, isso se der sorte de ter

essas aulinhas porque cai feriado, naquela semana não há aula de inglês. Então perde a seqüência. Eles não fixam, não têm como fixar o que eles aprenderam na aula anterior e fica defasado. Eles e frustram pelo fato de não saberem falar. A maioria não se preocupa tanto e estudar a gramática, como funciona a língua inglesa. Eu falo para eles que eles vão aprender o básico e se eles quiserem aprender mais, vão ter que fazer um curso complementar fora da escola. Algumas vezes a escola fornece esse curso, mas são poucas.

E: Você costuma pesquisar ou usar tecnologia para preparar as suas aulas?

P: Eu uso muito a internet. Para tirar letras de música, sites educativos. Esses sites de escolas de idiomas eu uso muito também. Os meus alunos, até onde eu sei, não utilizam muito a internet. Ontem alguns alunos pediram que eu pesquisasse sobre os Jogos Panamericanos, que eu fizesse a pesquisa e imprimisse os resultados. Eu disse que eles teriam que pesquisar, eu não poderia entregar tudo pronto para eles. Alguns perguntaram em que sites poderiam fazer a pesquisa, mas eu vejo que são poucos os que têm acesso à tecnologia.

E: Seus alunos utilizam o computador?

P: Em sua maioria, não. Muitos não têm computador, nem dinheiro para freqüentar as Lan Houses. Eles são muito carentes. A escola possui uma sala de informática, mas o acesso é muito restrito e há somente dez computadores, o que impossibilitaria uma classe com 40 ou 45 alunos de fazer qualquer tipo de atividade. Viraria uma bagunça sem precedentes.

E: Vamos falar um pouco sobre formação contínua. Você fez algum curso após a faculdade, certo?

P: Eu fiz o curso de Literatura de Língua Portuguesa, Francesa e Inglesa. Mas de um tempo para cá, eu tenho feito somente pesquisas na internet, nada presencial. Aliás, a internet oferece bons cursos de língua inglesa. Eu já fiz um deles. O curso é difícil, exige muito tempo de estudo, muita dedicação. Eles colocam situações problema e você tem que responder os *quizzes* para poder passar para um outro nível. Eu fiz esse curso durante seis semanas, pois tive problemas com provedor, aliás, tive que mudar de provedor por conta dos problemas técnicos. O curso se chamava English Town.

Professor 2 – Graduado em Letras, pela Universidade Católica de Santos, há 7 anos. Atua no ensino médio desde 2001.

E: Vamos falar um pouco sobre a sua formação, a universidade onde você estudou, se era pública ou particular e a sua habilitação.

P: Eu estudei na Universidade Católica de Santos, uma universidade particular, de 1997 a 2000. Tenho habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Depois eu retornei e fiz o curso de licenciatura também em Espanhol. Sou habilitada em duas línguas estrangeiras, porém só trabalho com a Língua Inglesa, que, aliás, é com a qual eu me identifico mais. Até gosto da Língua Espanhola, mas não gostaria de dar aula no ensino regular. Não acredito que os alunos terão interesse em mais uma língua estrangeira no currículo. Eles já não se interessam muito pelo inglês.

E: Fale-me um pouco sobre o seu curso de Língua Inglesa. Quais foram os aspectos relevantes do curso em relação à sua formação?

Na Universidade fica um pouco complicado estudar a Língua Inglesa. Não existe um teste para avaliar o seu nível e as turmas acabam ficando muito heterogêneas, quer dizer, pessoas que possuem um bom nível de Inglês e outras que não sabem nem o verbo *to be*. Aí então fica difícil, pois aqueles que já sabem ficam entediados nas aulas. Foi o meu caso. Eu ficava fazendo lições de outras matérias, porque ficar aprendendo o verbo *to be* pela décima vez seria muita tortura. Alguns professores até tentavam dar uma aula em que todos pudessem participar, mas alguns alunos ficam de lado, sem saber o que estava sendo feito. Eu acredito que um teste de conhecimentos de língua inglesa devesse ser colocado no início do ano letivo em todo curso de Letras, para acabar de vez com esse problema. Acontece no meu ponto de vista, um desestímulo já na faculdade com relação ao inglês por conta dessa falta de preparo por parte dos alunos. Se houvesse um critério de seleção dos candidatos mais rígido, como ocorre nos cursos de pós-graduação, esse problema já teria acabado. Um aspecto positivo do meu curso de inglês foi que em alguns momentos os professores deram dicas de exercícios utilizando jogos, músicas e outros elementos motivacionais, que de certa forma estavam coerentes com a realidade das nossas salas de aula superlotadas. O professor tem que ser um mágico (pausa) como ensinar inglês para classes com 40, 45 alunos? Isso só acontece no Brasil.

E: Fale-me sobre a sua atuação no magistério. Em que rede atua? Há quanto tempo:

P: Eu atuo na rede estadual e na rede municipal de Cubatão. Já trabalhei em algumas escolas particulares e em cursos de idiomas em Santos. Estou na rede estadual há quatro anos e na rede municipal há seis anos. Trabalhei na rede particular de 2001 a 2003. Ficava exausta e comecei a ter problemas de saúde, o que me levou a deixar um dos meus empregos.

E: Como é ser professora de Inglês hoje?

P: Essa é uma pergunta difícil de ser respondida. Deixe-me pensar um pouco. (pausa). São tantos desafios que se apresentam hoje, como eu já disse, salas superlotadas, indisciplina, falta de interesse por parte dos alunos, pouco apoio da direção, carência de materiais de apoio, enfim, são tantas falhas que fica até complicado te falar como é ser professora de Inglês hoje. Bem, no meu caso, eu tenho muito amor pelo que faço. Não trocaria de profissão, mesmo com a insistência dos meus pais e familiares. Acredito que ser professor é uma dádiva, algo gratificante. Só pelo fato de você poder acompanhar o desenvolvimento de uma outra pessoa, já vale todo o sacrifício. Mas o governo poderia dar mais apoio, como por exemplo, mandando materiais pedagógicos adequados, dando mais treinamento e fazendo propagandas de incentivo ao estudo do inglês, para que os jovens pudessem ter uma noção da amplitude do que é estudar inglês. Falta incentivo, na minha opinião. Além disso, com duas aulas semanais, fica difícil dar continuidade ao trabalho, e isso faz com que tanto professores quanto alunos se sintam desestimulados.

E: Como os seus alunos vêm a língua inglesa?

P: Os alunos fazem muita bagunça na aula, o que mostra o desinteresse pelo estudo. Mas isso não acontece somente com o inglês. Converso com os meus colegas de trabalho e vejo que isso é um comportamento generalizado. A maioria dos alunos acha que a aula de inglês é uma aula de descanso, um momento de colocar a conversa em dia e ouvir MP3, MP4, tirar fotos com as máquinas do celular, enfim...um encontro de amigos. Às vezes eu fico tão irritada que pergunto o que eles querem da vida. Como eles esperam um futuro se eles não estudam, não fazem as

tarefas, não querem nada com nada. É complicado analisar a visão dos alunos já que muitos nem percebem que o professor está na sala de aula. Eu acredito que eles vêem a língua inglesa como algo muito longe da realidade deles. A única coisa que chama a atenção é a música. Se você perguntar sobre um grupo de rock ou de filmes como o High School Musical, pode ter certeza que eles sabem as cantar todas as músicas, mesmo sem ter noção do que a letra diz. Mas ainda tenho a esperança de que um dia isso vai mudar. Eles também gostam quando eu levo trechos de séries famosas como *Friends*. Eles ficam vidrados na televisão. Por outro lado, existem as exceções: alunos que se interessam e que participam ativamente das aulas, mesmo não sendo uma aula lúdica. Esses alunos me motivam a continuar na profissão, pois eu sei que eles poderão ter um futuro brilhante.

E: Você costuma pesquisar ou usar tecnologia para preparar as suas aulas?

P: Sempre estou pesquisando atividades novas, procuro incrementar as minhas aulas, torná-las mais interessantes através de novos jogos, músicas e outras atividades lúdicas. Acredito que todo professor deva pesquisar, se atualizar, tentar melhorar a forma de ensinar, motivando os alunos a aprender. Estou sempre visitando sites educacionais como o www.planetaeducacao.com.br nos quais eu consigo dicas de atividades e também me interesso pelos artigos publicados, que abordam questões relativas ao processo de ensino e aprendizagem. Alguns colegas comentam que o uso das tecnologias não muda em nada a visão que os alunos têm com relação à língua inglesa. Não acredito nisso. A partir do momento que o aluno percebe o interesse de seu professor ele vai valorizá-lo e passará a dar maior importância ao que está sendo trabalhado. Não é somente a participação do aluno que conta, mas também a predisposição do professor para melhorar sua prática. Os professores sempre esperam alunos super motivados, que aceitem todas as atividades propostas. Nós sabemos que isso não acontece, nem poderia acontecer, pois cada aluno aprende em um ritmo diferente, cada um tem seu próprio percurso de aprendizagem.

E: Seus alunos utilizam o computador?

P: Sim, com certeza. Especialmente na escola em que eu trabalho, os alunos são de classe média e a maioria possui computador. Alguns poucos que não têm, vão às Lan Houses que ficam perto da escola e passam bastante tempo lá “teclando com

os amigos”. Eles não têm muita paciência para ler textos literários porque são muito extensos, mas quando o assunto é MSN eles são craques. Isso me preocupa, pois esta geração está iludida, achando que estudar não é tão importante assim. Isso é um grande equívoco. Eu fico pensando quando eles se dão conta disso.

E: Vamos falar um pouco sobre formação contínua. Você fez alguns cursos após a faculdade, certo? Você fez cursos de aperfeiçoamento? Que tipo de curso (extensão, especialização, pós-graduação). Fale sobre esses cursos e os motivos que o levaram a dar continuidade à sua formação.

P: Sim. Eu fiz dois cursos de pós-graduação. Um deles em Psicopedagogia e outro em Jogos cooperativos, ambos em universidades particulares em Santos. Foram cursos de muita importância para a minha formação. Além disso, eu também fiz alguns cursos a distância, muito interessantes, pois ao contrário do que muitas pessoas pensam, eles são bem mais “puxados” do que os cursos presenciais. Eu senti que estava sendo mais responsável pelo que estava aprendendo, sem aquela dependência do professor no curso presencial. Havia prazos de entrega de atividades, o apoio de um tutor e também a cobrança por desempenho, o que nem sempre acontece nos cursos presenciais. Eu senti a necessidade de me aperfeiçoar desde o momento que terminei a faculdade. Aproveitei bastante o curso, mas senti que eu tinha a necessidade de explorar outras possibilidades, através de cursos que contribuíssem com a minha formação inicial. Sempre tive interesse no curso de Psicopedagogia, pois tinha alunos que possuíam dificuldades de aprendizagem graves. Eu queria poder entendê-los melhor. Além disso, os cursos são válidos para a progressão funcional tanto no Estado quanto no município.

E: Como foi sua participação nesse curso a distância? Como era o ambiente virtual?

P: No curso a distância sobre projetos que realizei em 2006, tive a oportunidade de participar de chats, fóruns e de me posicionar enquanto aluna, sem aquela passividade dos cursos presenciais. As atividades programadas eram interessantes. Além desse curso, em 2005 também participei do curso *Interaction Teachers* oferecido pelo Estado. Foi um curso bom, bem estruturado e com uma boa proposta pedagógica. Todos os professores de Inglês da minha escola participaram.

E: O curso de formação continuada oferecido pelos órgãos públicos oferece subsídios necessários para uma formação plena? Por quê?

P: Acredito que sim. É uma tentativa de despertar no professor a vontade de se aperfeiçoar, de ter perspectivas. É um investimento que tem um retorno garantido. A partir do momento que os professores se sentem mais preparados eles vão, em consequência disso, ficar mais motivados para ensinar. O Estado tem oferecido bons cursos, mas ainda faltam aqueles voltados para a Língua Inglesa que precisam estar além do aperfeiçoamento lingüístico como é o caso do *Interaction Teachers*.

Qual a sua impressão sobre o curso *Interaction Teachers*?

Através desse curso, tenho a oportunidade de me aperfeiçoar, aprofundar os meus conhecimentos da língua inglesa, utilizar muitas das atividades com os meus alunos, já que as atividades são disponibilizadas no website. Minhas aulas estão mais interessantes do ponto de vista da...(pausa) metodologia que eu uso, já que agora estou instrumentalizada para trabalhar de diferentes formas com os meus alunos, especialmente aqueles das quinta séries, que estão iniciando seus estudos de Inglês. Estou me sentindo mais segura para tirar dúvidas, explorar mais o livro didático, além de outros recursos que passei a utilizar, como o rádio gravador, o retro projetor, o aparelho de DVD e o vídeo. O material que eles disponibilizam é muito interessante e cada vez mais, eu me sinto motivada a estudar. Eu sou nova na Rede e acho que todos os professores deveriam fazer esse tipo de curso oferecido pela SEE. Eu espero que a mentalidade dos alunos se modifique um dia. Tenho a esperança de que eles vão se interessar pelo estudo da língua inglesa da mesma forma como se dedicam ao português. Eu estou modificando minha forma de ensinar, colocando mais atividades lúdicas, músicas e aspectos da cultura dos países que falam a língua inglesa. Eu pretendo continuar o curso para que eu me aperfeiçoe cada vez mais e possa dar melhores aulas. Espero que eu proporcione aos meus alunos um ensino de qualidade.

Professor 3 – Graduado em Letras pela Faculdade Dom Domênico, situada no município de Guarujá, há 7 anos. Atua no ensino médio desde 2003.

E: Vamos falar um pouco sobre a sua formação, a universidade onde você estudou, se era pública ou particular e a sua habilitação.

P: Eu cursei Letras na Faculdade Dom Domênico, universidade particular na cidade de Guarujá, de 1998 a 2000. Tenho habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. No momento só estou lecionando inglês no Ensino Médio, pois no concurso do Estado há uma separação entre Português e Inglês. Lecionei português durante algum tempo. Não possuo fluência escrita nem oral em inglês.

E: Fale-me um pouco sobre o seu curso de Língua Inglesa. Quais foram os aspectos relevantes do curso em relação à sua formação?

P: Eu entrei na faculdade sem ter noção alguma de inglês. Tanto que precisei fazer um curso específico em uma escola de idiomas. Não teria possibilidade de acompanhar a faculdade sem ter os conhecimentos básicos. Os alunos que já possuíam fluência ficavam muitas vezes irritados nas aulas e com muita razão. Eu também ficaria chateada se estivesse aprendendo tudo de novo. Seria muito maçante. Na faculdade, o inglês era muito técnico, voltado mesmo para a sala de aula, com muitos exercícios escritos e de compreensão auditiva, sem muita preocupação com os aspectos lúdicos, tão valorizados hoje em dia. Eu percebo que o que motiva os alunos é justamente isso: música, filmes, coisas que façam parte do universo deles. Eu fiz um bom curso de inglês, mas acredito que se eu tivesse me esforçado um pouco mais, teria aproveitado melhor. Na época eu trabalhava em dois períodos e estudava inglês na minha noite de folga. Imagine como era desgastante. Mas com o curso pude acompanhar melhor as aulas da faculdade e isso foi muito bom. Eu acho que todo aluno deve ter uma preparação antes de começar o curso de Letras, caso contrário correrá o risco de ficar “boiando” nas aulas de Inglês.

E: Fale-me sobre a sua atuação no magistério. Em que rede atua? Há quanto tempo:

P: Eu atuo há quatro anos na rede pública estadual de São Paulo como efetiva. Antes fui OFA (ocupante de função atividade) durante dois anos. Lecionei em várias escolas de Santos e São Vicente. Também já trabalhei em duas escolas particulares de Santos como professora substituta. Cheguei a trabalhar em três períodos para que eu pudesse levar uma vida digna e dar uma boa educação aos meus dois filhos.

E: Como é ser professora de Inglês hoje?

P: É um grande desafio no meu ponto de vista. Os alunos não querem saber de estudar, estão muito arrogantes e acham que o professor não passa de mero empregado deles. Eles estão totalmente sem respeito. As agressões verbais são constantes dentro da sala de aula, principalmente na aula de inglês, que muitos consideram como a hora do recreio. Eu fico o tempo todo pedindo para que eles se comportem, que prestem um pouco de atenção no que eu tenho para dizer, mas eles não dão a mínima chance para eu mostrar o meu trabalho. Além disso, não há material didático fornecido pelo governo, o que dificulta ainda mais o trabalho, já que se eu pedir para eles comprarem um livro de inglês acredito que nenhum vá comprar. Eles acham que o inglês não será tão importante na vida profissional deles, talvez seja por isso que eles ignorem tanto essa disciplina.

E: Como os seus alunos vêem a língua inglesa?

P: Eles não vêem a língua inglesa (risos). Muitos, quer dizer a maioria, ignoram como eu já mencionei, a importância da língua para o futuro. E não é só isso. Eles ficam testando os professores de inglês o tempo todo, trazendo gírias e palavrões que eles tiram de músicas. Eles já sabem o significado, mas insistem em perguntar do mesmo jeito, só para gerar constrangimento. Eles só querem aula com música, aliás, é a única forma de chamar a atenção deles já que é um dos únicos momentos da aula em que eles param de tagarelar. É incrível como a música tem esse efeito neles. Talvez seja a imaturidade que faz com que esses alunos não vejam a riqueza da língua inglesa. Eles precisam se preparar para o futuro e o inglês pode abrir portas. Espero que um dia eles tomem consciência disso.

E: Você costuma pesquisar ou usar tecnologia para preparar as suas aulas?

P: Eu consulto alguns sites como o www.lyrics.com.br para procurar letras das músicas que eles pedem. Também consulto sites de escolas de idiomas, como a Fisk, a Cultura Inglesa e outras que dão algumas dicas de atividades. Sou assinante da UOL (Universo online) e existe um espaço chamado UOL Educação, onde sempre encontro atividades interessantes, testes de vestibular, alguns exercícios de inglês para o professor treinar a pronúncia e a escrita. É bem interessante. No dia a dia eu não uso muito a tecnologia. Costumo preparar as aulas de uma maneira bem tradicional, mas nunca deixo de prepará-las, pois o aluno percebe quando o professor está nervoso por não dominar um assunto. Fico preocupada com isso.

E: Seus alunos utilizam o computador?

P: Em sua maioria, acredito que sim. Eu trabalho em escola de periferia e toda aquela parafernália tecnológica ainda não chegou por lá. Antes o professor só tinha que lidar com a indisciplina em sala de aula, mas com o desenvolvimento da tecnologia isso tomou proporções gigantescas. Eu acho um absurdo o aluno ouvir música enquanto o professor está se esforçando para dar uma boa aula. De vez em quando eu peço para os alunos prepararem pesquisas sobre as datas comemorativas mais importantes nos Estados Unidos e Inglaterra, para que eles tenham algumas noções sobre cultura e possam estabelecer comparações com a cultura brasileira. Eles trazem trabalhos sem nexos, do tipo recorta do site e cola na folha em branco. Eu peço para que eles façam uma exposição oral dos resultados e aí eu vejo que eles nem ao menos leram o que estava na folha. Isso é vergonhoso.

E: Vamos falar um pouco sobre formação contínua. Você fez alguns cursos após a faculdade? Você fez cursos de aperfeiçoamento? Que tipo de curso (extensão, especialização, pós-graduação). Fale sobre esses cursos e os motivos que o levaram a dar continuidade à sua formação.

P: Eu fiz um curso de pós-graduação (Lato sensu) em Psicomotricidade. Não tem muito a ver com o inglês, mas foi muito bom. Eu pretendia cursar Psicopedagogia, mas eu fiquei grávida e precisei economizar um pouco. A Psicomotricidade está relacionada ao movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pela pessoa cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização. Antes de cursar Letras eu queria cursar Pedagogia, o que me possibilitaria trabalhar melhor com Psicomotricidade. Eu também fiz um curso de leitura e interpretação de textos escritos em inglês, oferecido por uma escola de idiomas em Santos. No início eu não senti a necessidade de fazer um curso de aperfeiçoamento. Tinha acabado a faculdade e achava que já havia estudado o suficiente. Ao observar que os meus colegas de trabalho estavam sempre comentando sobre os cursos que haviam feito, foi surgindo uma enorme vontade de voltar a estudar. Ainda pretendo voltar para a graduação e quem sabe, fazer uma outra pós-graduação.

E: Como foi sua participação em cursos a distância? Como era o ambiente virtual?

P: Eu só tive a oportunidade de participar de um curso a distância. O *Interaction Teachers* que foi oferecido pelo Estado. Foi um curso interessante, voltado para a parte lingüística. No começo foi um pouco difícil, pois eu ainda não estava acostumada com o computador e com a internet. Aos poucos fui me acostumando e em pouco tempo já estava familiarizada com as ferramentas. Fiz um cadastro no site *coffee break*, participei do fórum e sempre que tinha dúvidas consultava os professores online. Uma das coisas que mais me chamou a atenção nesse curso foi a possibilidade de tirar minhas dúvidas em tempo real. O curso, nesse aspecto foi muito bom.

E: O curso de formação continuada oferecido pelos órgãos públicos oferece subsídios necessários para uma formação plena? Por quê?

P: Eu acredito que sim. Mas depende do curso. Muitos professores não aproveitam a chance de fazer um curso por conta da carga horária que têm que assumir. Eu conheço colegas que trabalham em dois, três períodos, o que impossibilita a realização de cursos de aperfeiçoamento, mesmo aqueles que são oferecidos a distância. Ultimamente, os cursos oferecidos pelos órgãos públicos têm sido muito bons, com uma boa proposta pedagógica e com bons professores. Esses cursos são voltados para a prática em sala de aula, o que é muito importante, já que temos que colocar em prática todas as novas possibilidades para os nossos alunos.

Qual a sua impressão sobre o curso *Interaction Teachers*?

Bem.... o curso está sendo muito bom. Tenho a oportunidade de rever alguns conteúdos que eu tinha visto na faculdade mas que não estavam tão claros. A metodologia é interessante, pois aprendemos desde o verbo "to be", uma verdadeira revisão.hummm...Eu sempre tive dificuldade para entender a parte gramatical e tenho alguns problemas com pronúncia e no site, posso consultar o guia gramatical, fazer os exercícios do workbook, tirar minhas dúvidas com os professores que estão disponíveis on-line, enfim, tenho toda a assistência necessária. É... Em nenhum momento me sinto perdida. A minha única dificuldade foi com relação ao uso da internet. Não possuo computador em casa e tenho que recorrer a uma irmã para

poder realizar as tarefas semanais. Acho que esses cursos além de serem de aperfeiçoamento, também deveriam servir como um parâmetro de avaliação da atuação dos professores. Mas se fosse dessa forma, muitos ficariam sem emprego. Eu conheço professores que falam que dar aula de inglês é bem mais fácil do que de português. Legal você estar fazendo essa pesquisa, pois assim as pessoas tomarão conhecimento de cursos como esse e da importância deles para a formação continuada.

Professor 4 – Graduado em Letras em uma universidade situada no município de São Paulo (não mencionada durante a entrevista). Atua no ensino médio desde os dezoito anos.

E: Vamos falar um pouco sobre a sua formação, a universidade onde você estudou, se era pública ou particular e a sua habilitação.

P: Eu estudei em uma universidade particular na cidade de São Paulo. Tenho habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. A Língua Inglesa me fascina. Sou apaixonada pela cultura, pelos diferentes sotaques. Atualmente trabalho com as duas línguas por conta das duas matrículas que tenho na rede estadual.

E: Fale-me um pouco sobre o seu curso de Língua Inglesa. Quais foram os aspectos relevantes do curso em relação à sua formação?

P: Quando eu ingressei no curso de Letras, já sabia que sem os conhecimentos básicos eu não me adaptaria. Então, durante o Ensino Médio eu me matriculei em uma escola especializada em idiomas e fiz o curso completo, desde o básico até o pós-avançado. Comecei a me interessar pelo Inglês a partir desse curso. A metodologia da escola era excelente, tanto que sempre a estou recomendando. O corpo docente era extremamente qualificado, com professores que possuíam uma extensa experiência no ensino de Inglês e eu me dediquei bastante, também. Eu participava de quase todos os eventos extraclasse que envolviam a conversação e a habilidade de interpretação. Eu fui até convidada para ser monitora, mas não pude aceitar por conta de um outro estágio que eu estava realizando. Mas fiquei feliz com o convite. Na faculdade, por consequência, não tive maiores dificuldades. Lá eu pude melhorar as minhas técnicas motivacionais e conhecer novas formas de

ensinar. Os professores sempre davam bons toques quanto a postura diante dos alunos, quanto as atividades lúdicas que sempre deveriam fazer parte das aulas e de como era importante que o aspecto da cultura, tanto da Inglaterra quanto dos Estados Unidos sempre fossem trabalhado. Com isso, os alunos teriam uma dimensão do porquê aprender inglês. Eu acredito que esse tenha sido um dos aspectos mais relevantes com relação à minha formação.

E: Fale-me sobre a sua atuação no magistério. Em que rede atua? Há quanto tempo:

P: Eu atuo no magistério desde os dezoito anos. Eu comecei dando aulas particulares em casa e depois nas casas dos meus alunos. Eram aulas de reforço da escola e geralmente quem me procurava estudava em escola particular. Depois eu ingressei no curso de Letras e comecei a dar aula de reforço e para crianças em uma escola de educação infantil. Depois de formada prestei concurso no Estado e fui aprovada. Comecei a lecionar em uma escola de periferia e depois pedi remoção, pois ficava muito distante de onde eu morava. Adoro trabalhar na minha escola atual. Tenho bons alunos e apoio da direção, o que é essencial para o meu trabalho.

E: Como é ser professora de Inglês hoje?

P: Ser professora de inglês hoje, com os alunos que nós temos, é um grande desafio. Toda essa tecnologia que eles têm acesso dificulta o trabalho. Temos que estar o tempo todo chamando a atenção, pedir que olhem para nós enquanto estamos explicando, controlar a indisciplina, enfim, temos que ser além de professores, psicólogos, analistas. Mas mesmo diante de tudo isso eu acredito que ser professor é uma das mais belas profissões que existem. Acho que o mundo não iria para frente sem os professores. Um dia desses um aluno disse para mim que logo os professores seriam substituídos pelos computadores, pois os computadores eram mais inteligentes e mais interessantes. Eu fiquei triste com o que ele disse. Não posso concordar com uma coisa dessas. É inaceitável pensar que seres humanos capazes possam ser colocados de lado por conta de máquinas.

E: Como os seus alunos vêem a língua inglesa?

P: Eles ainda têm aquilo de pensar que o inglês é somente uma disciplina optativa, de menor importância. Mas essa não é a visão de todos. Alguns são interessados

em aprender, vêem a língua inglesa de um outro prisma. Esses alunos enxergam possibilidades de ascensão social através do domínio de uma língua estrangeira. Eles comparam aspectos gramaticais e chegam a algumas conclusões, como por exemplo, que o português é mais difícil do que o inglês quando o assunto é verbo. Conjuguar um verbo em inglês é muito mais fácil do que em português. Alguns conseguem perceber essas diferenças. Já outros desconsideram totalmente o prestígio do inglês. Acham que não vai servir para nada, que está no currículo só para encher “lingüiça”.

E: Você costuma pesquisar ou usar tecnologia para preparar as suas aulas?

P: Sim. Eu pesquiso sites de música para selecionar letras, sites de jogos educativos para pegar algumas dicas e de vez em quando eu pego algumas atividades do site e imprimo para levar para a sala de aula. Os alunos gostam muito.

E: Seus alunos utilizam o computador?

P: Sim. Eles nasceram na era da tecnologia. São hábeis digitadores. Como é incrível a forma como eles lidam com o computador. Eles jogam, ficam no MSN durante horas, jogam em rede, só não têm paciência para ler livros, mesmo os e-books. O poder de concentração deles é um tanto quanto limitado. Quando os professores pedem para eles pesquisarem, eles não se preocupam em ler o que estão selecionando da internet. Aí fica difícil controlar o que eles estão vendo na internet.

E: Vamos falar um pouco sobre formação contínua. Você fez alguns cursos após a faculdade? Você fez cursos de aperfeiçoamento? Que tipo de curso (extensão, especialização, pós-graduação). Fale sobre esses cursos e os motivos que o levaram a dar continuidade à sua formação.

P: Eu fiz alguns cursos após a faculdade. Todos eles, cursos de extensão. Ainda não tive a oportunidade de fazer um curso de pós-graduação. Tenho esse sonho. Quem sabe o ano que vem poderei realizá-lo. Fiz um curso em prática de ensino de língua inglesa, que foi muito bom. Eu pude melhorar as minhas técnicas de ensino e me atualizar quanto às novas metodologias. Depois eu fiz um curso de inglês avançado com ênfase em gramática e expressões idiomáticas. Fiz um curso a distância sobre elaboração de projetos Educacionais, pelo Senac, que foi excelente. Durante as HTPCs eu tive a oportunidade de compartilhar com meus colegas de

trabalho as minhas experiências nesse curso. Eu acredito que os cursos após a faculdade são muito importantes, pois você não se afasta do meio acadêmico, conhece novas pessoas, troca experiências e fica atualizado.

E: Como foi sua participação em cursos a distância? Como era o ambiente virtual?

P: No curso sobre projetos educacionais eu tive a oportunidade de ver de que forma os cursos a distância se estruturam. Havia atividades com prazo de entrega, fóruns e chats entre os professores e alunos, nos quais nós podíamos tirar dúvidas, fazer comentários sobre o andamento do curso. Havia o tutor, responsável pela execução das tarefas e pela correção e comentários. Além desse curso eu fiz o curso *Interaction Teachers* oferecido pelo Estado. Havia também o chat, fórum e atividades online semanais. Foi um outro curso interessante.

E: O curso de formação continuada oferecido pelos órgãos públicos oferece subsídios necessários para uma formação plena? Por quê?

P: Sim. Porque eu acredito na formação continuada. Todo esforço em tentar melhorar a prática é válido. Tem que haver interesse por parte dos professores e um empenho para que os conhecimentos construídos possam ser aproveitados pelos alunos.

Qual a sua impressão sobre o curso *Interaction Teachers*?

O curso é difícil, bem puxado mesmo...às vezes fica difícil para fazer todos os exercícios antes de realizar as provas, mas mesmo assim...está sendo bem interessante. O que mais me chama a atenção no curso são as provas que temos que realizar semanalmente... (pausa) aquelas que misturam as habilidades de escrita, de escuta e de gramática. Acho que são um pouco mecânicas...não despertam o interesse em aprender Inglês, pois reproduzem exatamente as características da escola tecnicista. Não acredito que as pessoas vão achar o Inglês uma língua interessante...é.... da maneira como é feita a avaliação...acredito que isso tenha que ser mudado para que o curso não perca seu diferencial, já que é um curso a distância. Eu utilizo bastante os workbooks para retirar exercícios para meus alunos. (pausa) Atividades novas e que exploram na maior parte das vezes somente

os aspectos gramaticais...mas que são úteis para que os alunos fiquem mais concentrados na aula. Estou me sentindo mais segura para tirar dúvidas, explorar mais o livro didático, além de outros recursos que passei a utilizar, como o rádio gravador, o retro projetor, o aparelho de DVD e o vídeo.